Cinearte

AS MAIS BELLAS
DO MUNDO

CONSERVAM LINDAS COMO NOVAS AS SUAS ROUPAS DELICADAS —— LAVANDO-AS COM

LUX

Somente Lux conserva linda e como nova a lingerie e as meias de seda.

Yolanda Pereira
Miss Universo

Rio, 5/8/1930

Lux realmente duplica a vida dos tecidos finos.

Fernanda Gonçalves
Miss Portugal 1930

A belleza primitiva de roupas finas é realmente renovada muitas vezés com **Lux**.

Aliki Diplarakos
Miss Europa
1930

Todos os theatros e companhias de revistas de Nova York usam **Lux** para as meias de seda durarem o dobro, e os departamentos de vestuario dos grandes "studios" de Hollywood usam somente **Lux**.

Miss United States
Beatrice Lee

9/30

PARA AS ROUPAS MIMOSAS DE HOJE, SOMENTE A PUREZA DE LUX

DESEJA V. S. UM LINDO ALBUM DE RETRATOS DAS MISSES DO CONCURSO DE BELLEZA ?

Corte e mande este *coupon* a S. A. Irmãos Lever, (Dept. E.) Caixa Postal, 2745 — São Paulo, que o receberá pela volta do correio.

Nome. . . . .
Rua. . . . .
Cidade. . . . . (E)

NÓS
OFFERECEMOS
DINHEIRO...
SÍM,
Porque todos ganham
dinheiro e augmentam
as suas vendas
annunciando
nas Revistas:
O Malho - Para-todos... - Cinearte -
O Tico-Tico - Moda e Bordado -
O Mez Illustrado - Illustração
Brasileira - Leitura para todos

TINE WHEEZER E MARY ARM JACKSON...

ESTA' o anno quasi a decidir e delle, em relação á Cinematographia, algo poderemos já dizer, porque os mezes que seguem, derradeiros, pouco poderão adeantar para modificações no exame geral do assumpto.

A crise no Cinema accentuou-se devido á pobreza dos programmas organizados para os estabelecimentos que não dispõem de apparelhamento sonoro, com os esqueletos dos films, apenas.

Accentuou-se, por isso mesmo, tambem, a descrença do publico que aos poucos vae refugando o seu divertimento favorito.

E' o que nos affirma a vasta correspondencia que nos vem principalmente dos Estados, onde mais difficil se torna a transformação do apparelhamento que motivos de ordem economica, quasi sempre, impedem.

As cidades onde o numero de habitantes offerece margem a uma compensação á despesa feita, não soffrem tanto como as pequenas, incapazes de resarcir os avultados gastos com a acquisição, montagem e conservação da custosa machinaria que os **trusts** de fabricantes impõem á freguezia.

Dahi, muita vez, o recurso a artificios para darem a impressão de que o Cinema tem apparelhamento para o film sonoro, tristes artificios que só contribuem para provocar o desgosto do publico, ainda o menos avisado.

Ou então a acquisição, a preço convidativo, de uns tantos apparelhos que andam por ahi, sendo offerecidos, e só servem ao cabo para estragar os films, atormentando os ouvidos dos espectadores.

Apesar de todos os inconvenientes da incomprehensão do publico, os films falados, quando bons, na realidade, têm conseguido invulgar successo. Mas esses films são poucos.

Apenas um ou outro, e estes podem ser citados de memoria, conseguem manter-se no cartaz mais de oito dias.

Os demais, entram na média dos programmas semanaes ou bi-semanaes. Vão apparecendo as versões em lingua mais approximada da nossa, de tronco latino, em francez ou hespanhol.

Já, de quando em quando, ligeiras phrases em portuguez, á guisa de apresentação. Cortezias ao mercado. A superposição da fala não condiz, muita vez, com a movimentação dos labios, percebe-se immediatamente o artificio, mas perdôa o publico o defeito em homenagem á intenção.

ANNO V

Num. 244

29 OUTUBRO 1930

Mas, tudo isso é com referencia apenas ás cidades de população mais densa. As do interior, coitadas, levam cada espiga!

E apesar dos pesares pagam tanto ou mais do que pagavam outr'ora, quando nem se cogitava da sonorização do film.

O anno marca ainda o avanço da Cinematographia Brasileira, com a realização de films que já conseguem despertar o interesse de toda gente.

Marca ainda a construcção do primeiro grande Studio brasileiro, com o apparelhamento completo, para tornar em realidade os sonhos de tanta gente desejosa da creação e desenvolvimento da cinematographia entre nós.

Póde ser que nos enganemos e falhem os nossos prognosticos, mas será difficil que isso aconteça, mas pensamos que esse emprehendimento em grande escala introduzirá profundas modificações em nosso meio, tão desanimado quando se tratava de nacionalizar essa industria e marcará os primeiros passos triumphaes para a nossa Cinematographia.

Completas as installações como se acham, quem quizer fazer um film poderá dispôr dos mesmos, encontrando á mão, assim, tudo quanto outr'ora demandava sacrificios incomportaveis á maioria dos que, sem os necessarios recursos ou com recursos escassos, se abalançavam a entrar no campo da producção.

Essa é que é a nota importante do anno cinematographico e não é demais que sobre ella insistamos.

GINA CAVALLIERI
NUMA SCENA DE
"LABIOS SEM BEIJOS" DA CINÉDIA.

Uma recordação da filmagem de "Braza Dormida". Um grande almoço em locação. Vêem-se Nita Ney e sua mamãe, Luiz Sorôa, Edgar Brasil, Maximo Serrano e Antonio Almeida de "Thesouro Perdido".

DIDI VIANA CHEGANDO AO STUDIO.

Cinema do Brasil

O primeiro trabalho de Humberto Mauro foi filmado com uma camera Pathé Baby. Chamava-se "Valladião, o cratera" e Eva Nil era a estrella.

Do artigo de Gentil Roiz director de "Parallelos da vida" "O Brasil e a sua propaganda atravez do Cinema" publicado ha dias no "Diario de Noticias":

"Ha sómente um grande empecilho á industria do Cinema Brasileiro.

O nosso governo mantem, uma taxa, quasi prohibitiva, á importação do film virgem, que é taxado igualmente com o film impresso que entra em nosso paiz.

Segundo um amigo meu, — muito viajado — o fisco aduaneiro nos EE. UU. mantem na propria Alfandega uma *camara escura* para exame do film europeu — cuja importação não é exigua — se é virgem ou impresso.

O film virgem, apesar de o fabricarem vastamente na Norte-America, não tiveram os americanos a lembrança de suffocar a sua entrada no paiz, como se faz no Brasil.

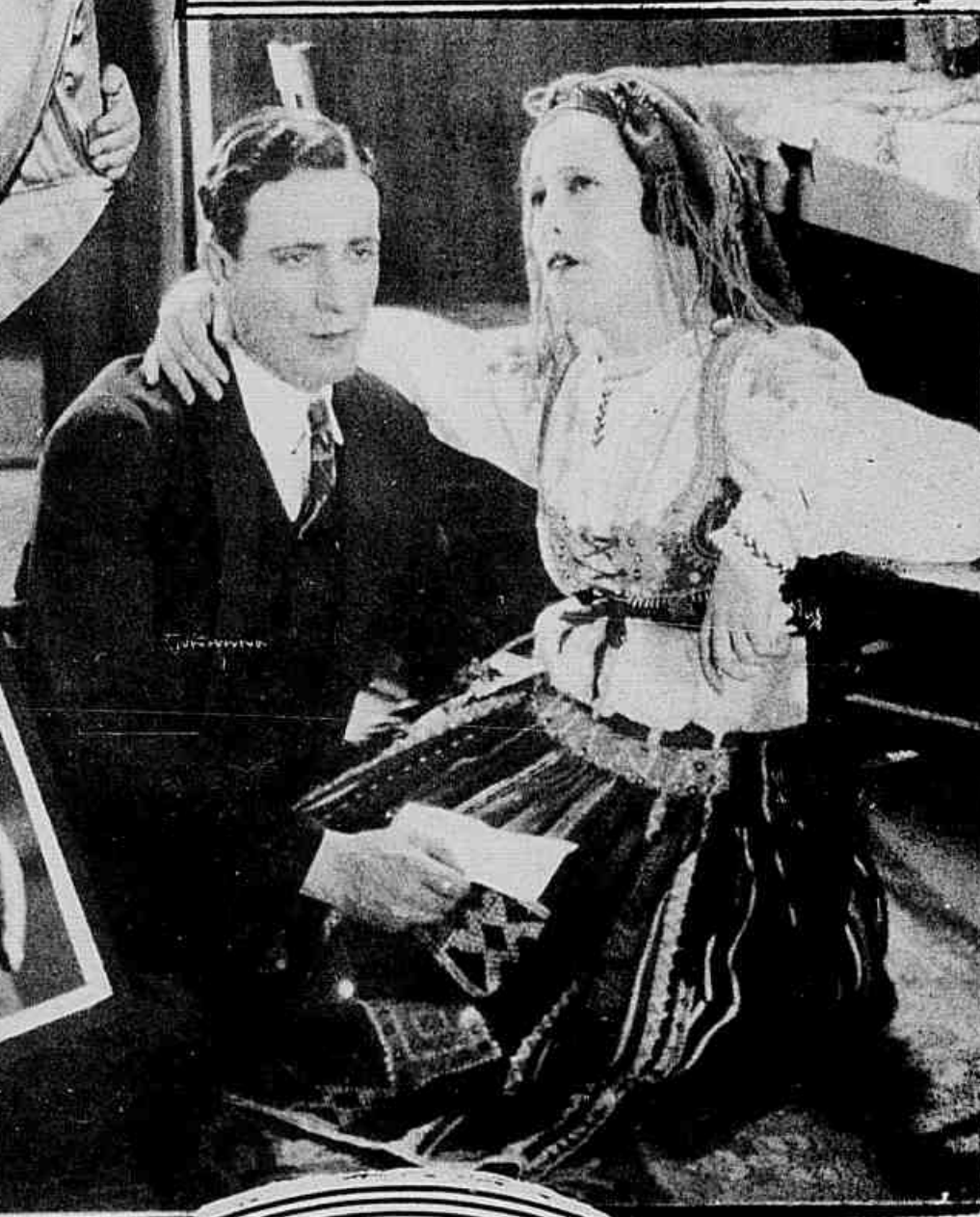
Se tivessemos uma *camara escura*, em nossas Alfandegas, não só evitariamos essa taxa suffocante á importação do film virgem, como tambem não comeriamos "gato por lebre", pois em nossos portos poderão entrar latas de joias, á guisa de film virgem.

CORINA FREIRE E ESTHER LEÃO.

ANTONIO SACRAMENTO E CORINA FREIRE

Mais algumas scenas de "Canção do Berço", primeiro film falado em portuguez, da Paramount, produzido em Joinville.

RAUL DE CARVALHO, ALEXANDRE AZEVEDO E ESTHER LEÃO.

CORINA FREIRE E ALVES DA COSTA.

CORINA E ALVES.

A unica brasileira do elenco. Importada especialmente do Rio...

Warner Cisco Kid Arizona Baxter...

Aqui está como se fala mal de Warner Baxter...

—Oh, Mr. Baxter, que surpresa! Mas, creia, é a pura verdade: aqui estamos a escrever um artigo sobre a sua pessoa.

E, de facto, vamos iniciar um artigo sobre a personalidade prodiga e interessante de Warner Baxter, uma das figuras masculinas mais interessantes do Cinema.

Quem escreve é Herbert Cruikshank, conhecidissimo articulista das revistas americanas de Cinema. Elle teve ha tempos uma questão com Warner Baxter, por causa de um dos seus commentarios e aqui o apreciamos, de novo, a falar do seu amigo Warner Baxter

— Mas surpresa, disse, amigo Warner, porque eu sou sempre sincero. Eu já o fui uma vez, comtigo e serei outras tantas. Mas... permitte-me você que explique aos *fans*, antes de mais nada, o que foi o nosso pequenino *feudo* de annos passados? Como sei que você consente, lá vae.

— Falando sinceramente, amigo Baxter, o *feudo* foi seu e não meu. Mas... vamos lá! Reparto as culpas comtigo. Mesmo uma *vendetta* de consequencias mortaes, se você quizer... Mas, vamos ao que serve!

— Em tempos passados, quando os irmãos Warner ainda não se tinham lembrado de nos aborrecer com seus microphones e seus dialogos, preoccupados, como estavam, com importação de café e fabrico de bolos ou bolas, não sei bem, e, ainda William Fox ainda era trumpho e a Paramount pertencia tambem ao mesmo Adolph Zukor de hoje, existia uma historia que não sei quem teve a má idéa de escrever, que se chamava *The Great Gatsby* e que outro *alguem* teve a má idéa, tambem, de comprar para o Cinema e transformal-a em fita, mesmo, o que foi peor. Pois bem. O meu amigo Warner Baxter, o Cisco Kid, em pessoa, foi o heroe dessa historia e, consequentemente, dessa má fita.

— Eu, nessa epocha, escrevia para o *The Morning Telegraph* e fiz, nas suas columnas de Cinema, o commentario que achei sobre *The Great Gatsby*. E (Warner, estou sendo honesto!) posto que não me lembre bem do que foi que escrevi, lembro-me que foi alguma cousa sobre a fita e sobre o *astro* e, ainda, que o mesmo commentario não era *totalmente* favoravel... Isto é que é a verdade. Agora, deixemos o restante e vamos passar immediatamente para o segundo acto deste... film, seja!

Segundo acto, scenario: Hollywood. Personagens: Frank Joyce, agente de publicidade de Warner Baxter e eu. Perguntame elle, em rapidas palavras, o que tinha eu contra elle Warner, seu pupillo. E ainda que minhas palavras fossem as mais firmes e as mais sinceras possiveis, negando tal accusação, sahiram elles, sim, elle Frank e sua irmã Alice, balouçando as respectivas cabeças e affirmando, cathegoricamente, que meu coração tinha um verdadeiro deposito de fel contra o infeliz Warner Baxter. Desçamos a cortina, novamente. (Sim, porque nesta epocha de Cinema falado — theatro photographado — não mais *fade out* e nem *fade in* e sim abrir e fechar de *cortinas)* e mudemo-nos immediatamente para uma montagem em New York. Ali veremos, então, Warner Baxter sendo entrevistado por Regina Crewe, do *American*, daquella Cidade. De uma ou outra forma, foi mencionado meu nome. Instinctivamente, ao falar nesse nome para mim sagrado e para elle odiado, levantou-se o nosso heroe, hoje acostumado aos papeis de villão e procurou seu revolver. Seriam as lampadas daquelle restaurante Sardi estouradas e formaria o *Kid*, ali, uma das *suas?*... Mario, o garçon, salvou a imminencia desse desastre: entrou com um prato fumegante de maccarrão e só assim salvou a minha vida, embora distante diversas milhas, para que a mesma ainda pudesse, um dia, esparzir flores de literatura sobre a cabeça cheia de caracóes frizados caprichosamente pelo primeiro cabelleireiro de Hollywood do nosso amigo Warner Baxter... Quer isto dizer, apenas, que fui *milagrosamente* salvo por um simples *garçon*...

— Não é verdade, Baxter?...

— Quando alguem consegue o successo, costumam dizer que se trata de um accidente. Ninguem crê na sorte. Existem as opportunidades e existe o accidente. Foi o que aconteceu com Warner Baxter... O seu successo de hoje, no emtanto, para todos aquelles que lidarem um pouco com o seu accidentalissimo passado, nada mais é do que uma consequencia justa, aliás.

— Actualmente, Warner Baxter deve ter os seus 36 ou 37 annos. Ha 26 mais ou menos, que elle vem representando. Se seu pae ainda fosse vivo, provavelmente seria o primeiro a se rir delle e a chorar com elle. Mas elle perdeu seu Pae, muito cedo e foi criado por sua Mãe. Todos sabem, perfeitamente, como são as Mães. Quiz se interperpor entre elle e o seu desejo de ser artista.

Mas não conseguio, como geralmente todas não conseguem, mesmo. — Warner começou representando em espectaculos de amadores e, tambem em escolas para artistas dramaticos e continuou macaqueando pelos theatros da redondeza, até mesmo passar a ser um vendedor importante de artigos alimenticios, como foi. Foi ahi que se deu o primeiro dos accidentes dos quaes falavamos, ainda ha pouco. O companheiro de Dorothy Schoemaker adoecera e Dorothy deveria estrear em Louisville numa segunda-feira á tarde. E perdera seu parceiro num sabbado. Houve um amigo de Warner que se lembrou de lhe escrever sobre isto, rapidamente. Elle conseguio o logar. Ensaiou as canções e a representação no Domingo e, segunda-feira, calmamente, fez-se a estréa. Mas mamãe Baxter fez um tal cavallo de batalha disto que elle foi obrigado a deixar tudo e voltar a ser o correcto e digno cidadão de Columbus, Ohio, que tinha sido até então, embora terrivelmente aborrecido e desgostoso com essa circumstancia contra, na sua vida. Elle presava, acima do theatro, a paz na familia e só poderia ter isso se fosse negociante, em vez de artista...

— Dahi para diante, Warner não socegou mais. Ficou impossível, mesmo. Pouco passou a ligar para o seu novo emprego com a companhia de seguros e, assim, foi para Philadelphia e, lá, casou-se com uma das pequenas da localidade. Além disso, lançou-se corajosamente num negocio de uma garage, em Oklahoma. E, imaginem, Warner Baxter passou a vender gazolina e oleo em Tulsa! Isto, para a sua carreira, é a mesma cousa que trazer sandwiches de presunto para um banquete ou levar a esposa á um espectaculo das *Follies*...

— Ao fim de doze semanas, o novo emprego desfez-se, com a mesma facilidade de sempre. E Warner, depois disso, passou a viajar, vendendo uns titulos de uma empreza, em Dallas, ganhando, ao todo, 30 dollares por semana. Depois disso ingressou para mais uma companhia e com Oliver Morosco chegou á California, tempos depois, tentando o Cinema sem ser bem succedido. Isto num periodo total de sete annos que resumimos em phrases rapidas, apenas.

(Termina no fim do numero)

EDDIE QUILLAN E' O MAIOR "FAN" DE DIDI VIANA EM HOLLYWOOD.

HOLLYWOOD CURVA-SE DIANTE DE S. CHRISTOVÃO...

GLADYS GORDEAN

HARRIET LAKE

ROSALIE MARTIN.

ANITA PAGE. LA' EM CIMA, MARY BERGEN.

SONHOS E PHANTASIAS... MAS REALIDADES EM HOLLYWOOD...

EDWINA BOOTH

ALBRETINA VITCH

O AMIGO de NAPOLEÃO

O Museu Pratouchy, em Paris, celebre pelas suas figuras de cera, excellentes imitações do real, tinha no Papa Chibou, um zelador carinhoso, bom e maniaco. Maniaco, sim, porque a figura de Napoleão era a que mais admirava e á qual dedicava o maior do seu zelo e o mais profundo do seu carinho.

A'quelle Museu, diariamente, accorriam os namorados de Paris. Ali se encontravam. Ali organizavam seus planos para o futuro. Ali os desmanchavam. Ali os reorganizavam. Aquellas figuras, se falassem, teriam muito a contar sobre o romance daquelles corações moços que ali vinham se unir, fingindo vel-os, numa eterna demonstração de juventude.

Chibou, pobre e humilde, velho e quasi imprestavel, já, e r a, ali, o protector dos namorados e o amigo incondicional de todas aquellas imagens de cera. A de Napoleão, no emtanto, era a preferida pelos namorados. No bolso da mesma, diariamente, as namoradas afflictas deixavam chamados urgentes para seus namorados retardatarios e, ás vezes, mesmo, era um caso mais triste e um drama

mesmo, que o bolso de Napoleão conservava á espera da pessôa que o viria buscar, tremulo e afflicto...

O que mais preoccupava Pratouchy, o dono do Museu, no emtanto, era a sua situação financeira precaria e a obrigação que sentia de liquidar o seu Museu para, assim, melhor poder viver. Além de não lhe dar nada, era ainda uma casa que lhe consumia algum dinheiro para mantel-a em ordem. Conhecendo Chibou e sabendo o quanto elle amava aquellas imagens todas, Pratouchy não o avisou logo. Esperou que chegasse o instante preciso da liquidação para o chamar e avisal-o, assim.

Helene Berthelot, filha do juiz Berthelot, era uma das frequentadoras do Museu, em companhia do seu namorado, o advogado Georges Dufeyel, inimigo profissional do pae della. Naquelle dia, por exemplo, encontravam-se ali, ouviam as explicações que Chibou lhes dava sobre as personagens de cera e, sem lhe dar maior attenção, discutiam os seus proprios problemas. O juiz, não supportando a pessôa de Georges, no qual via um excellente advogado e um peor inimigo, oppuzera-se violentamente ao namoro de Helene com elle. Da discussão nasceu um profundo desgosto entre os namorados, desgosto esse que elles estavam procurando amenizar, ali, diante de Napoleão, Schubert e outros, com explicações que mais ainda lhes enchiam os corações de tristezas e desillusões e ainda menos confiantes os punham quanto ás possibilidades de um porvir melhor.

Angustiada, amando Georges como sempre e vendo que a inflexibilidade de seu pae era ferrenha, Helene despediu-se de Georges e foi para sua casa. Lá, assim que chegou, soube que sua tia Madame Vallon e Henri, seu primo, estavam lá para vel-a. O que ambos queriam era que Helene se tornasse esposa de Henri, União essa que o juiz Berthlot não desapprovava, totalmente.

Quando todos se retiraram, Helene contrariou as possibilidades todas desse casamento. Sabendo-a apaixonada pelo seu rival Georges Dufeyel, o pae ahi insistiu no casamento e avisou-a que pretendia annunciar o casamento para muito breve.

No dia seguinte, não se podendo encontrar com Georges no Museu Pratouchy, deixou, no bolso de Napoleão, um recado para o mesmo, advertindo-o de que ia ás corridas de Chantilly e que lá o esperava encontrar para conversarem. Georges recebeu o bilhete e mais tarde, sózinhos, emquanto o prado todo se achava em animação desusada, elles conversavam suas tristezas emquanto que de longe, sem ser observado, o pae della os observava, rancoroso, por ter percebido e acompanhado todos os passos de sua filha.

Quando chegaram, de volta do prado, Helene, sem saber que seu pae a tinha visto, surprehendeu-se quando elle lhe deu a noticia de que ella deveria embarcar, no dia seguinte, com sua tia, para se preparar melhor para o proximo e breve consorcio. A surpresa ella não poude conter. Conteve, no emtanto, as lagrimas e a colera que de subito a suffocaram, totalmente...

\+ + +

Depois daquella noite de pensamentos máos e profundas tristezas, a primira cousa que Helene fez, foi, á hora certa, encontrar-se com Georges, no Museu. Elle ja se achava lá e ouviu, dos seus labios, toda a revelação daquelle impossivel que já se fazia realidade.

— Mas Helene! Tens certeza de que não amas Henri?...

— Eu, Georges?...

— Sim! Não me estarás enganando?

Ella se maguou com aquella phrase. Todo seu sentimento delicado offendeu-se com aquella duvida. Seria possivel que Georges duvidasse da especie de sentimentos que a afogavam em tantas amarguras?...

Da discussão veiu um rompimento immediato. Impetuoso, cheio de nervos, Georges disse-lhe o q u e pensava daquella situação injusta e claramente e, depois, num impeto, deixou-a.

Sózinha com Chibou, Helene já não mais podia conter suas magoas. Chorou-as para o pobre guarda, commovido e sentimental, que a consolou o quanto lhe permittiram seus pobres recursos intellectuaes.

Aquella noite, mesmo, deixou ella a cidade em demanda da residencia de sua tia, para se preparar para o casamento com Henri.

\+ + +

Na manhã seguinte, quem teve a sua illusão terrivel, foi Chibou. Pratouchy chamou-o.

— Vou fechar o Museu!

— Vae o que, senhor?...

— Liquidar tudo, Chibou!

— Quer dizer que...

— Sim! Vae haver um leilão e eu me vou desfazer dessas figuras todas que ultimamente só aborrecimentos me têm dado.

Chibou a i n d a tentou discutir. Foi inutil. A resolução de Pratouchy era inflexivel.

\+++ Naquella noite, emquanto tomava conta dos seus bonecos, pela ultima vez, Chibou sentia-se amesquinhado, terrivelmente magoado na caduca e doentia admiração que tinha p o r aquelles seus amigos de tantos annos. Napoleão, então, para elle era até crime venderem a um estranho qualquer! E assim agitado, elle adormeceu. Das sombras da sua imaginação agitada, sahiram as figuras de cera, uma a uma, como se vivessem, realmente e com ellas Chibou conversou. Contou-lhes que ali é que se reuniam os namorados de Paris. Que ali é que se passavam os romances mais delicados daquella mocidade toda e, ainda, consultou a todos sobre o que deveria fazer para conseguir que elles se mantivessem unidos pelo Museu em plena e constante funcção. De todos, sempre sonhando, Chibou ouviu conselhos. Napoleão, no emtanto, lhe disse que tivesse coragem. E com aquelle conselho de coragem, Chibou desperta. Agitado e já pensando na proxima separação, elle agrada o seu Napoleão, afaga-o e resolve, afinal, seguindo o conselho do sonho, ter coragem.

Resolve raptar a imagem. No emtanto, mal se dispunha a fugir, é preso pelos gendarmes. Accusado de querer furtar o Museu, é conduzido á prisão. Sua defesa, no emtanto, é logo tomada por Georges Dufeyel que comprehende, immediatamente, de quem se trata e que justifica plenamente o fanatismo daquelle velho maniaco pelo boneco que era toda a sua vida.

\+ + +

Helene, no interior, assim que sabe q u e Chibou fôra preso e ia ser julgado por seu pae e defendido por seu ex-namorado Georges, resolve voltar para a cidade. Não podendo immediatamente falar com Georges, deixa, no bolso de Napoleão, como sempre, o seu bilhete. Pede ao novo guarda que avise Georges, pedido esse que o mesmo esquece.

No dia seguinte, quando chegou o instante de Chibou ser julgado, conta elle, emocionadissimo, que, de facto, tinha roubado. Mas conta, tambem, que o fizera porque venerava Napoleão e, ainda, porque elle era ali, o verdadeiro protector dos namorados, em cujo bolso muitos delles deixavam suas missivas e suas confissões e suas tristezas. Para provar o que dizia, mette as mãos no bolso da estatua e tira, de lá, surpreso, a carta que Helene deixara para Georges. Ella, que se achava presente, tambem, reclama-a, nervosissima. Chibou, no emtanto, não a entrega e vendo que é endereçada para elle, abre-a e lê, deliciado, todas as confissões de sincero amor que ella lhe faz, ali. Berthelot, no emtanto, suppondo que se tratasse de outra cousa, pede-a, com ardor e, tendo-a, lê em voz alta. Os julgadores, ouvindo aquellas palavras, sympathizam immensamente com os namorados e, a seguir, quando tudo serenou, Georges iniciou a sua defesa, brilhante e inspirada pela confissão que acaba de ouvir, pondo Chibou numa situação de sympathia geral.

De volta, os jurados reconhecem que Chibou é culpado. **(Termina no fim do numero)**

(S E V E N   F A C E S) — FITA DA FOX

PAUL MUNI	Papa Chibou e mais seis caracteres diversos.
Marguerite Churchill	Helene Berthelot
Russell Gleason	Georges Dufeyel
Lester Lonergan	Juiz Berthelot
Gustav Von Seyffertitz	M. Pratouchy
Eugenie Besserer	Madame Vallon
Walter Rogers	Henri Vallon
Salka Stenermann	Catherine da Russia

Director: — **Berthold Viertel**

Mary Doran

Lottice Howell

Novas tentações de Hollywood...

Harriet Lake

Esta tambem é Harriet

EM

HOLLYWOOD,

A CIDADE

DO CINEMA,

DAS FITAS,

DOS DISCOS,

FLORES, MENTIRAS

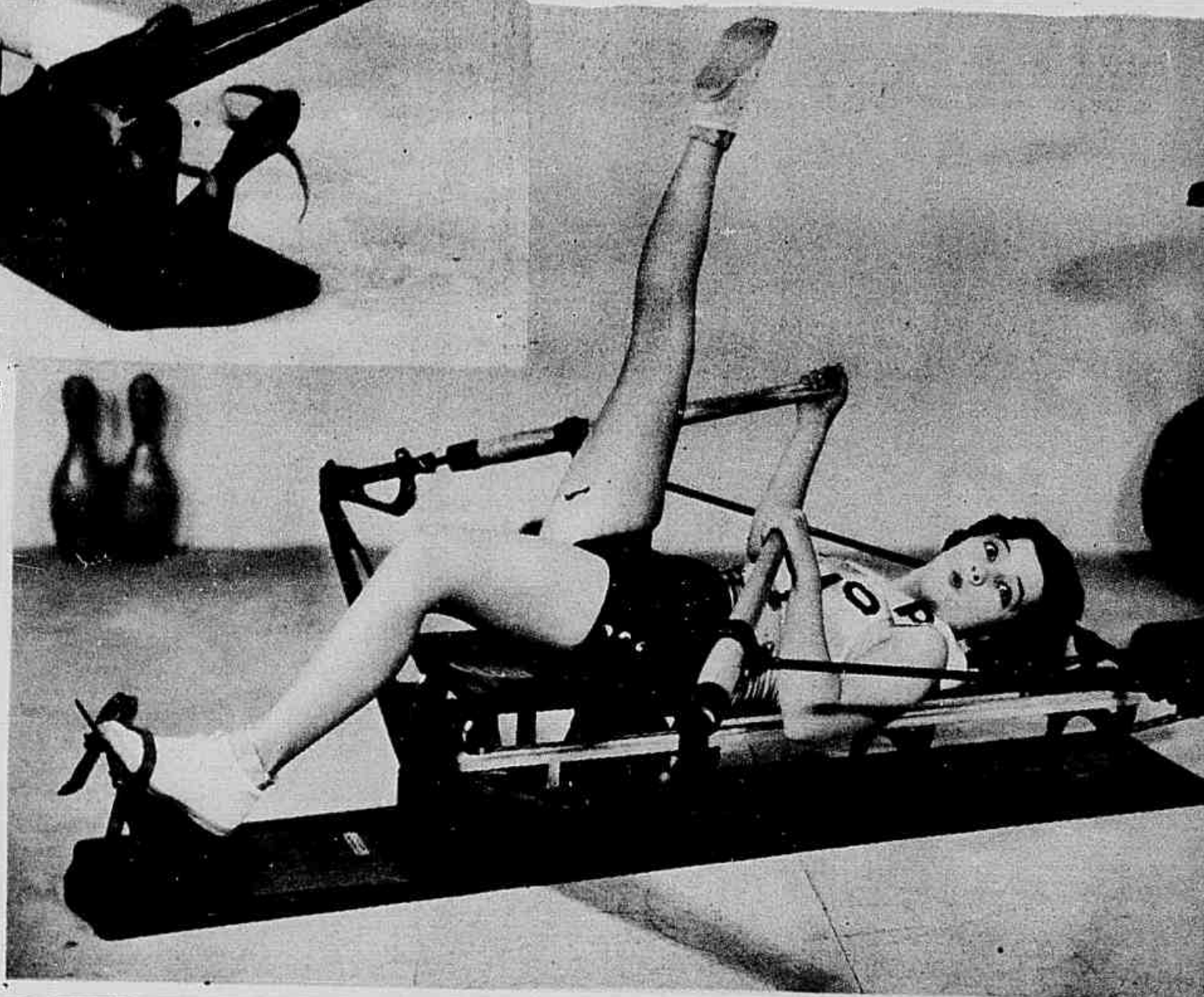
E PERNAS BONITAS...

D o r o t h y

VAMOS

FAZER

EXERCICIOS,

MENINAS!

Dorothy Granger, Gertie Messinger e Mary Kornman.

Dorothy, Gertie e Mary...

Gertie é irmã de Buddie Messinger, lembram-se delle?

Janet Gaynor entrevista Janet Gaynor

Janet Gaynor entrevistou-se. Vamos ouvir, portanto, o que pensa ella sobre si propria...

— Miss Gaynor! Escute!

Disse eu e volvi os olhos para o azul das aguas daquelle lago, como se contemplasse, nelle; o proprio estado de minha alma.

— Se conseguisse voltar atraz todos os dias de sua vida, tornaria a ser uma artista?

Bom principio, sem duvida. Naturalmente contrario aos preceitos grammaticaes das entrevistas usuaes, mas, sem duvida, um bom principio... Afinal, era eu, madame Lydell Peck, entrevistando, circumspectamente, Janet Gaynor, a artista de Cinema.

— Uma artista, minha estimada Mrs. Peck, respondi á minha imagem que se reflectia no fundo do lago — não brinque commigo!

— Sim, Janet! Uma artista, disse e repito: uma artista! E de Cinema, accrescento...

— Mas... uma artista?...

Tornou a perguntar Janet, com um "que" de ironia no sorriso...

— Sim, uma artista, torno a dizer, na forma pela qual todos tambem dizem...

Accrescentou Mrs. Peck, justamente no mesmo tom... e continuou.

— Nascida de novo, Janet, você não resistiria Hollywood, as "cameras", a maquillage e todas as aventuras pelas quaes você passou antes de ser artista e que hoje formam o seu cabedal artistico.

— Só?... Ora, vamos, continue! Você está fallando mais do que um realjo. Fallando bem, diga-se... Será, assim, felizmente, uma excellente historia, esta... Mas não se esqueça de pôr a classica chapa de "Cidade das Desillusões" quando se referir de novo a Hollywood e, quando falar de Hollywood Boulevard, não se esqueça de a denominar "Rua das Esperanças Perdidas"...

— Janet... Não fale assim! Você já andou por todos esses logares, desanimada e sem coragem para mais nada, intimamente derrotada pela sorte... Lembre-se dos seus dias de "extra"... — Pois eu faria todo o percurso de novo!

— E porque?...

— Porque, sinto-o, tenho alguma cousa a mais para dar ao Cinema.

— No emtanto, com este seu contracto com a Fox, Janet, ha tantos mezes que não entra para o elenco de uma só fita... Desde "Tristezas da Aristocracia" que você nada mais faz... Isto é consistente?

— Não fale mais nisso! Prefiro discutir Hawaii, passeios e aventuras, mas isto não...

— E' verdade, Janet! Você foi a Hawaii logo depois de fazer essa fita. Explique-me isto, justamente! "Liliom" a esperava. Era uma historia tão bonita, tão sentimental, tão formidavel. Talvez tão bôa quanto "Setimo Céo"... Porque é que você fugiu dessa opportunidade?

— Mas, Mrs. Peck, eu não podia, confesso, fazer "Liliom" depois que me vi em *Tristezas da Aristocracia* (High Society Blues). Não tinha coração e nem coragem para tanto! Não sei cantar. Não sei dansar. O papel que fiz e o que vi, na téla, nada mais foi do que um tremendo desgosto para mim. Sahi-me immensamente mal. Eu não sei fazer essa sorte de papeis na qual elles tanto insistiam em me collocar. Era justo que eu tivesse feito essa, fita, assim mediocre, no principio da minha nova carreira com os "talkies". Não tinha, afinal, um "Setimo Céo" para lutar mas poderia fazer uma fita fraca assim e ninguem daria por ella. Mas, fazendo-a, tenho a impressão que perdi todo meu publico e que ninguem me quer mais. *Diane, de Setimo Céo,* foi minha alma. Eu a tinha posto num nicho todo especial. Não sei, confesso, dansar e cantar e elles queriam obrigar, sempre, *Diane,* do *Setimo Céo,* a apanhar uma cythara e cantar e dansar, como se fosse uma vulgar "tap tap girl" de cabaret newyorkino... Gostei de "Um Sonho que Viveu", porque era novidade para mim. Mas não queria nem pensar em fazer outra cousa semelhante. Eu, Janet Gaynor, tenho um compromisso perante a illusão e o sonho do publico que me estima e não o posso desilludir dessa maneira com uma voz menos do que soffrivel e com dansas ainda peores... O publico nunca me acceitará tão vulgar e tão moderna. Elles me querem em vestidos de fustão e com sapatos rotos, isto sim, amando um "Chico" que gosta das aguas furtadas só porque ellas ficam perto do céo... Eu preciso proteger, é logico, um pouco ao menos a minha popularidade adquirida com essa sorte de papeis sentimentaes e sinceros. Não posso forçar a minha personalidade.

— Você quer dizer: a sua habilidade dramatica, o seu gosto na interpretação de personagens humildes, figuras tragicas de contos sentimentaes?... — Sim. Accertou. Eu quero papeis dramaticos. Gostaria de ser algumas das personagens de Barry. "Little Minister", por exemplo e, depois, "Bird of Paradise", de Tully.

— Sim, Janet, comprehendo este seu desejo. Mas... emquanto você se deixa ficar aqui, pensando, Hollywood commenta o seu futuro...

— Bem, Mrs. Peck, falemos de outras cousas. Falemos de ilhas, por exemplo.

Sabe que eu gosto muito das ilhas? E, tambem, dos campos cheios de ar puro e de ambientes os mais sadios?

— Não, Janet, temos que conversar sobre o lado dramatico da sua vida, querida, trata-se de uma entrevista!

— Mas minha vida não tem dramas, Mrs. Peck.

— Toda vida tem dramas, Janet. Não podemos viver sem elles. Póde ser que você não o tenha sentido, mas elle existe, na sua vida, nem que seja em estado latente, ainda... Você nasceu...

— Em Philadelphia. Agora veja se acha drama nisso... E' uma cidade tão agradavel, tão saudosa, para mim... Tenho uma irmã mais velha, Helen. Mamãe, ella e eu nos mudamos mais tarde para Chicago. Eu me lembro muito bem: era magrinha e feia. Ia á escolha mas detestava os estudos, palavra!... Preferi, sempre, ler contos de fadas...

— E tomava sodas e lambia sorvetes, naturalmente!

— Sim. Depois, occasionalmente, com alguns parentes, eu fui para Florida porque achavamos que o clima da zona em que nos achavamos era demasiadamente frio. Depois, mais tarde ainda, Mamãe tornou a casar. Foi ahi que Jonesy, um homem maior do que o mundo e de coração maior do que elle, ainda, entrou para a scena da minha vida. Foi elle que me ensinou a ser artista dramatica...

— Elle sempre pensou assim, não foi?

(Termina no fim do numero)

DURANTE A FILMAGEM DE "THE SEA GOD", DA PARAMOUNT COM RICHARD ARLEN, FAY WRAY, EUGENE PALLETTE E OUTROS.

Uma nova Greta Garbo?

Marlene Dietrich chegou de Berlim, junto com Josef Kon Sternberg e já murmuram as "faladeiras" e os "faladeiros" de Hollywood que ella é o eclipse para Greta Garbo. Será?... Vamos ouvir alguma cousa sobre ella para poder acreditar ou... duvidar!

—

A entrevista com uma artista differente, nova, pouco conhecida de Hollywood, sempre é um "caviar" para a machina de escrever... Mas uma cousa garantimos: Marlene Dietrich é toda ella fascinação só! E' maliciosa como uma anecdota contada aos olhos pela direcção de Lubitsch e differente como um quadro moderno no meio de uma exposição de preciosidades do seculo passado... Seus olhos são o symbolo da sua personalidade: sensuaes. Seus labios, rasgados e grossos, tombados numa ameaça de sorriso, reticencias maliciosas para o todo fascinante do seu rosto.

Marlene Dietrich veio de Berlim. Figura interessante e applaudida, no theatro de comedias musicadas, tambem fez uma fita na Allemanha: "O Anjo Azul", ao lado de Emil Jannings e dirigida por Von Sternberg. Quando este regressou aos Estados Unidos, levou-a comsigo, sob esplendido contracto com a Paramount e já destinada a um numero de fitas "á la" Greta Garbo... Nos seus olhos de sexual somnolencia e na impressão da sua vitalidade electrica, ella tem, mesmo, não a copia physica de Greta Garbo em si, mas a attracção e a magestade das artistas que se fazem com poucos trabalhos e com elles galgam os mais altos postos na arte que escolhem para ser a dellas.

Toda Hollywood fala que Marlene Dietrich vae fazer esquecer GRETA GARBO...

Ouvimos Marlene falar. A sua voz é o reflexo dos seus olhos, dos seus labios e do todo da sua personalidade: lenta, macia, fascinante... E foi a nos ferir olhos e ouvidos que ella contou, singelamente, um pouco de si.

— Disseram-me, quando embarquei, que devia occultar o facto de ser mãe de uma filhinha linda. Dizem que isto não é romantico e que desillude. Mas, francamente, haverá alguma cousa, no mundo, mais romantica e mais admiravel do que uma filhinha linda? Veja-a!

E da sua bolsa, que ao lado estava, tirou duas photographias que nos mostravam o rostinho de uma criança de cabellos de ouro e sorriso cheio de dentes brancos e bonitos.

— Acha-a bonita, não acha?

Ella era bonita, sim.

— E' culpa, então, mostral-a ao publico e dizer que é minha? E por que não? Não é, por acaso, ella, a cousa mais importante da minha vida? Como poderia então deixar eu de falar nella e de mostrar que della me orgulho como se fosse o meu maior thesouro? Disseram-me, tambem, quando embarquei para aqui, que devia dizer, sempre, que tinha vinte annos e fazer todos os esforços para permanecer o maior numero possivel de annos nos mesmos vinte... Mas... quem acreditaria nisso? Tenho quasi 25 annos. Qual é a differença? Podem, para o publico, influir a minha filhinha ou a minha idade? Se podem, francamente, não entendo porque.

Nós, a respeito das artistas européas, desde o temperamentalismo de Pola Negri á elegancia e distincção de Marlene Dietrich, temos feito muitas opiniões e tecido muitos commentarios. Ella, a Marlene, é antes de tudo photogenica. Não tem, no seu caracter e no seu genio, esse temperamento selvagem e indomavel que muitas artistas affectam só porque dizem as chronicas que é "chic"... Não é, muito menos, arrogante ou convencida. E' uma mulher encantadora, intelligente e bem disposta.

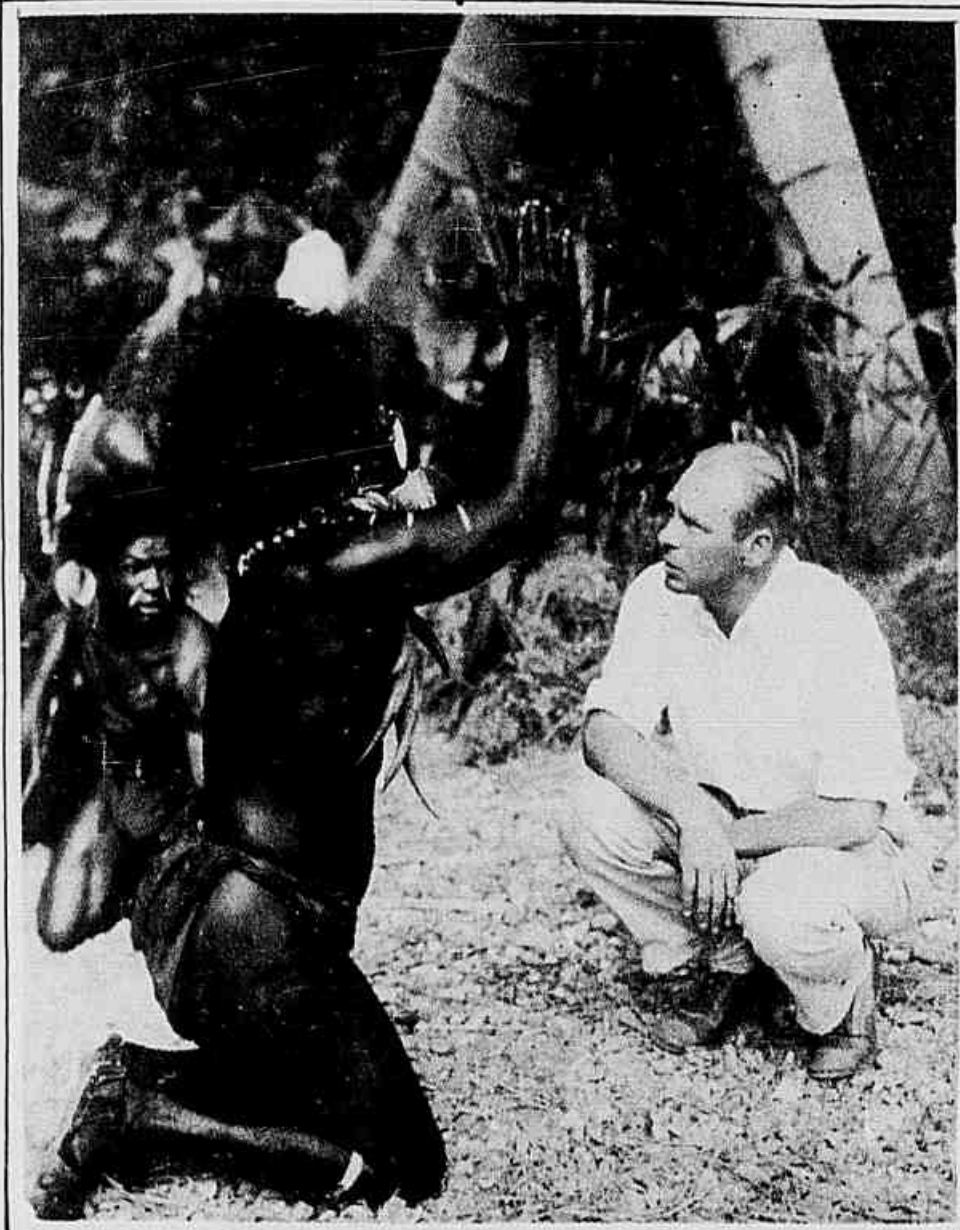
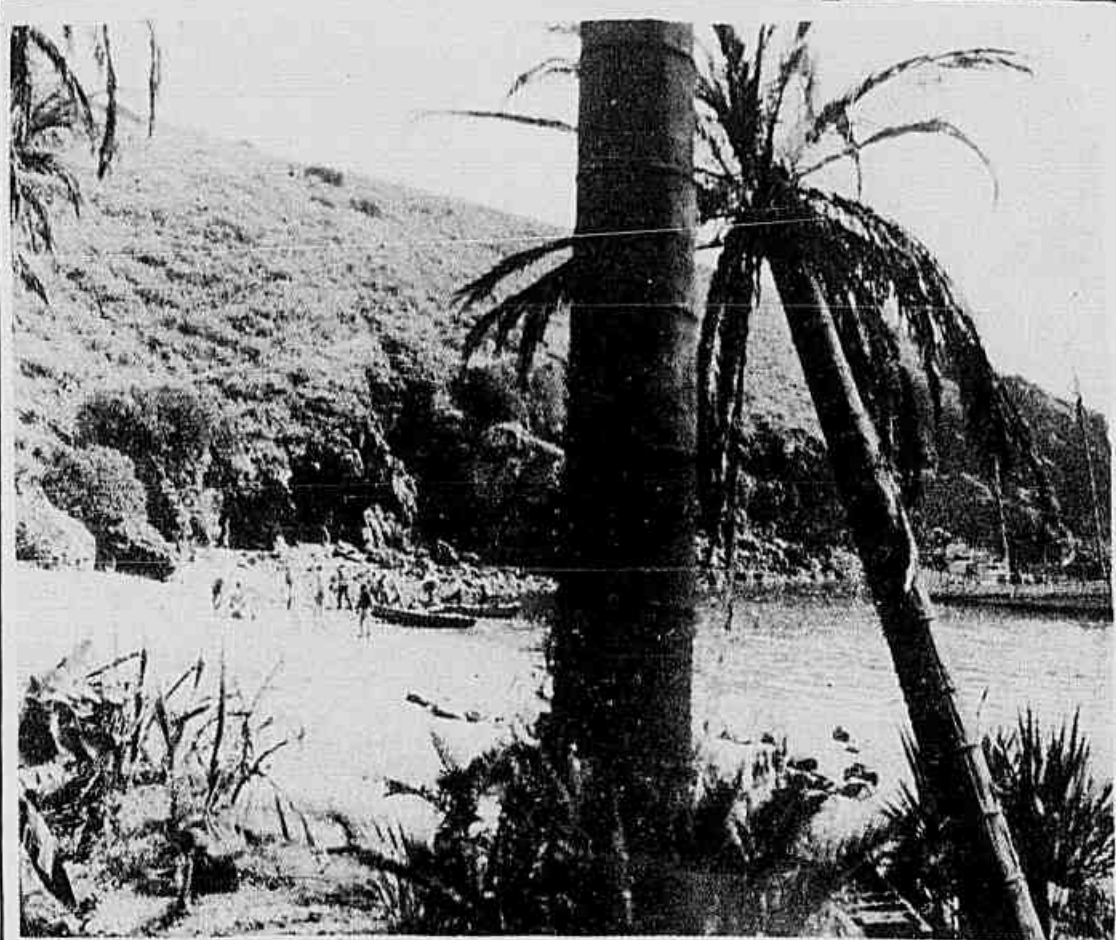
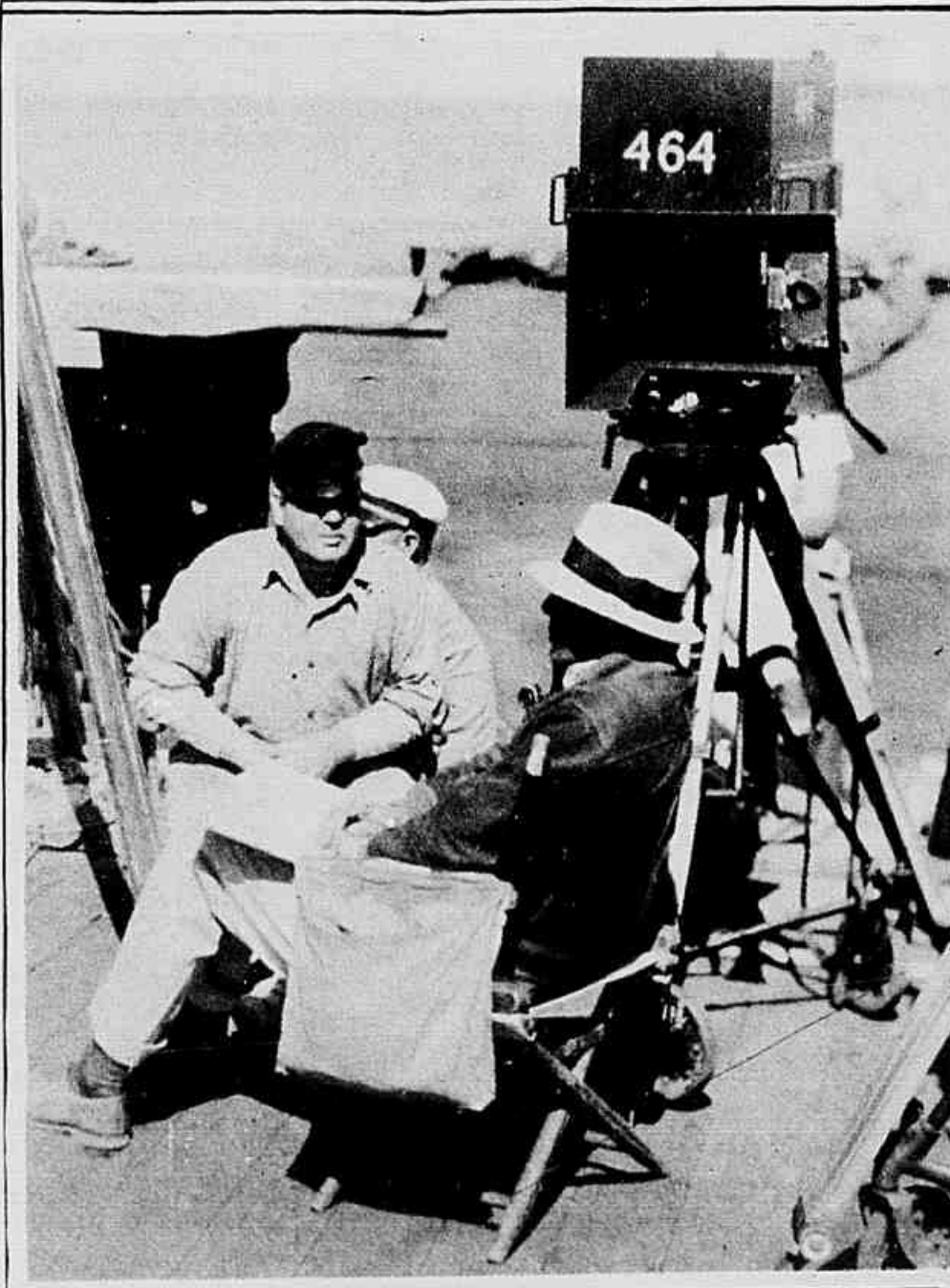
Marlene, mesmo, não tem vocação nata para ser artista. Ella ia ao theatro como todas vão e representar, para ella, não era todo o "hokum" que muitas artistas contam, em entrevistas, dizendo que até fome passavam só para terem dinheiro para comprar a entrada para o theatro do bairro... Quando criança, a Marlene de olhos côr de violeta, estudava violino, apenas. Ao cabo de alguns mezes de estudos, verificou-se que ella não ia além do vulgar nos seus estudos. Heer Dietrich seu pae, official do exercito, costumava fazer, em commissão, diversas excursões por pontos differentes do Paiz. Assim, mesmo longe de Berlim, Marlene nunca deixou de ter o seu professor de musica.

Aos dezeseis annos, quando começava a despertar nella, mesmo, aquelle amor enraizado pela musica e já tomava gosto pelos concertos e estudava musica com prazer e não mais como obrigação, aconteceu-lhe uma desgraça tremenda. Ella estudava seis horas por dia. Por causa desse exercicio, seu pulso, que era um pulso commum e humano, afrouxou e soffreu ella uma distensão de musculos, paralysando-se mesmo, provisoriamente, todo seu ante-braço esquerdo. Quando recuperou suas funcções normaes o braço, o medico advertiu-a que poderia dar um concerto ou outro, mas, sempre, espaçando-os com muitos mezes de repouso. E, ainda, que os numeros a serem tocados não deveriam ser de extrema technica, para não mais affectarem a parte offendida. Mas nunca deveria, antes de tudo, seguir uma temporada normal de concertos e nem, tampouco, esperar curar aquillo para sempre, tão cedo.

Para a ambição de Marlene, nada foi mais aborrecido e mais desanimador. Ella não se interessava pelas musicas simples e delicadas, pecinhas para momentos sentimentaes da alma. Ella apreciava Bach, Beethoven, Debussy e outros compositores taes que fizessem, em summa, vibrar authenticamente o seu violino, empolgando-a com a magestade de suas notas inspiradas e sustanciosas. Mas já que a prohibiam de executar a esses mesmos compositores, ella preferia dar por finda a sua carreira, mesmo antes de ter ella sido iniciada...

Doente, nervosa, desoladissima, passou ella alguns tempos numa fazenda para recuperar as forças. Tendo perdido, na vida, qualquer interesse que fosse, por qualquer cousa, dedicou-se exclusivamente á leitura, cultivando dessa forma seu cerebro fertil. Durante mezes, num desespero fanatico, quasi, passou horas e horas devorando obras

(*Termina no fim do numero*)

YOLA d'AVRIL
FIFI D'ORSA
E
SANDRA RAV
Cinearte

DURANTE A FILMAGEM DE "THE SEA GOD", DA PARAMOUNT COM RICHARD ARLEN, FAY WRAY, EUGENE PALLETTE E OUTROS.

Jack Oakie
CINEARTE

PAYLIS CRANE
CINEARTE

SCENAS DO FILM DA PARAMOUNT, "THE MAN FROM WYOMING"

GARY COOPER E JUNE COLLYER

O Cinearte Album de 1931 está um assombro!

O mais tragico MOMENTO DE

O momento mais dramatico da minha vida, occorreu entre as paredes da mais famosa das prisões francezas: "Santé". Uma prisão que era um inferno. Abrigo de mil e muitos assassinos, ladrões e tarados; toda infestada de parasitas, vermes e ratos; privada da luz do sol ou qualquer outra luz e gerida a poder de bayonetas caladas...

A muitos isto parecerá uma surpresa, porque, afinal, a "Santé" é uma prisão conhecida como de homens, apenas: mas é verdade! E, gabo-me disso, fui a unica mulher e sou, ainda, que poz os pés no lado interior desses muros terriveis. Tão difficil é uma mulher pôr os pés para dentro da "Santé", quanto os que lá estão, cumprindo penas pôl-os para fóra... Tive que mexer, mesmo, com quasi todos os cordeis que movem os politicos da França só para conseguir a permissão que queria para visitar esse presidio. Isto, no emtanto, não é inicio da minha historia.

Começou a cousa, mesmo, numa das agradaveis tardes de Paris. Havia dias, apenas, que me achava em França e achava-me no "Crillon". Se bem me lembro, na noite passada havia estado num theatro e tinha apenas regressado ao hotel ha uma hora quando sôou a campainha do telephone. Não consegui comprehender, é logico, o significado de um chamado tão tardio e quando pensei cortal-o, verifiquei que minha empregada já o tinha attendido. Era alguem que se achava no salão de espera e me queria ver. Um cavalheiro, segundo dados.

Aquillo me intrigou. Eu não conhecia, positivamente, cavalheiro algum que pudesse áquella hora ali se apresentar, procurando-me. Rapida, ordenei á minha empregada que desligasse e mal se aperceberam disso, ligaram novamente. Attendi eu mesma. Pediu-me, o encarregado do telephone, que não tornasse a desligar, porque era assumpto importante. Assim, para liquidar a cousa, pedi-lhe que me communicasse com o referido individuo que me procurava tão altas horas.

Apenas ouvi sua voz e comprehendi o pedido que elle me fazia para ser attendido, disse-lhe, ansiosa, que subisse immediatamente. Era um meu amigo de infancia, um joven, extremamente joven, que se achava pela primeira vez em Paris e mettido em um terrivel aborrecimento.

Rapidamente, emquanto não chegava elle, atirei sobre mim alguma roupa e mal vestida ainda, ouvi, seccas e rapidas, duas batidas á porta. Se eu pudesse, naquelle instante, saber o que significavam, para mim, aquellas duas pancadas rapidas naquella porta... Se conseguisse adivinhar que eram o inicio de uma série de acontecimentos imprevistos e interessantes ao extremo... Talvez não tivesse tido a coragem que tive de abrir aquella porta e admittir no interior do meu quarto o tardio visitante.

Meus pensamentos, naquelle instante, vendo ali, defronte a mim, emocionado e pallido, o meu visitante, eram difficeis de se descreverem, mesmo. As roupas delle estavam rasgadas. O seu aspecto geral era sujo e penalisador. Não trazia chapéo e tinha a barba crescida. Apesar dos seus pequeninos 21 annos, parecia velho e denotava extremo abatimento. Eu o havia visto, pela ultima vez, 10 dias, antes do meu embarque. Naquelle instante, elle era o mesmo j o v e n alegre, bem vestido, sympathico e vivaz que eu ha tanto conhecia. O que de terrivel lhe teria accontecido? Depois da surpresa, veio o romance daquella situação. Em rapidas palavras, resumirei o assumpto: elle parara sua viagem para Paris a 30 milhas da mesma, numa pequena aldeia, para apreciar-a. Ali se achando, sem mais aquella, foi apanhado ás brutas e atirado ás grades da prisão pelo crime de ter furtado um automovel. Elle reclamara a sua innocencia. (Era evidente que eu nella acreditava, tanto mais que o conhecia de sobra que elle era um rapaz de posses). No emtanto, de nada valeram seus protestos diante das autoridades. Agora, o que de mais sério nisso havia, é que depois dos dois dias de prisão local, elle conseguira a fuga e immediatamente dirigira-se para Paris. Procurara-me, immediatamente e sabia, de sobra, que o estavam procurando e que talvez o levassem comsigo, novamente. Elle me pedia, angustiado, que o livrasse daquella situação difficil. Era evidente — dizia-me elle — que odiava a si proprio pelo facto de precisar recorrer a uma mulher, numa situação tal, quando a mesma se achava em Paris para se divertir. Mas, o que havia elle de fazer, se, afinal, era eu a unica pessôa que elle conhecia em França? Além disso, elle não sabia falar uma só palavra de francez, o que mais ainda, com certeza, aggravava a sua situação. Depois de me dizer isso, elle teve um periodo grande de prostração. Eu e minha empregada o reanimámos, o quanto possivel e o puzemos mais á vontade.

Emquanto elle se refazia da intensa emoção dos seus ultimos dias de Paris, eu pensava naquillo tudo e avaliava as consequencias de tudo quanto elle me acabara de contar. Analysei tudo o mais friamente possivel. Tratava-se de um rapaz que eu conhecia desde criança. Haviamos quasi sido creados juntos e muitas brincadeiras tinhamos feito. Cresceramos juntos, podia-se dizer e elle, mais moço do que eu

MINHA VIDA

alguns annos tivera por mim, mesmo, um amorzinho genuinamente infantil. Depois, entrei para o theatro e este seu sonho e... talvez meu, tambem, desvaneceu-se por completo. Apenas o vira, repito, 10 dias antes de viajar para Paris. Depois soube que elle tambem viera para a França e achando-o sempre um rapaz sympathico e agradavel, eu não podia esquecer, absolutamente, nossa tão antiga e tão sincera camaradagem de outros tempos. Agora era elle que ali se achava, prostrado e derrotado e precisava do meu auxilio.

Melhorando elle, tentou contar o que restava de toda aquella historia. Fôra elle condemnado, afinal, pelo roubo de um automovel, realizado "ha oito mezes", época essa em que elle nem sonhava com a simples possibilidade de ver Paris. Parece impossivel, bem sei, mas é preciso que se explique que as leis francezas consideram um individuo culpado e criminoso, portanto, até o momento em que possa provar a sua innocencia. Não ha, como na America, o direito de um "habeas corpus" que dá ao prisioneiro a faculdade de tentar, immediatamente, uma defesa logica em torno do seu caso. Além disso, tinham-lhe tirado o passaporte e elle, assim, não podia provar desde que data achava-se em Paris. Disse-me elle que os seus pertences tinha elle num pequeno quarto, alugado na vespera da sua chegada, foragido e, ainda, que sentia que a perseguição sobre elle cercava o seu elo. Elle tivera difficuldade em me encontrar e sentia que de todos os lados espreitavam-no para o lançarem á prisão, de novo, na possibilidade em que elle se achava de tomar uma prompta defesa para o caso. Tive um plano. Chamariamos o *chauffeur* ao hotel e o convidariamos a nos auxiliar. Conduziria elle o rapaz para o seu quarto e, deixando-o lá, afastar-se-ia e o esperaria a distancia. Dei ao rapaz todo o dinheiro trocado que tinha em mãos e despedi-me delle.

Se eu pudesse ter comprehendido que aquelle *adieu* era mais ou menos para sempre, eu, sem duvida, tel-o-ia retido em minha companhia. A's cinco da manhã, fui acordada pelo encarregado do taxi que me vinha avisar que deixára o rapaz no seu quarto e que quando elle sahia, e, num salto, procurava galgar o estribo do carro, fôra apanhado por dois policiaes que se achavam pelas redondezas que lhe deitaram algemas aos pulsos e o levaram aos safanões para a carruagem que os esperava mais distante.

As unicas perguntas que fiz a mim mesma, naquelles instantes aborrecidos, foram estas:

— Aonde estará elle agora?...

— Tel-o-iam levado, de novo, para a aldeia franceza a 30 milhas de Paris?

O *chauffeur* nada sabia adiantar e de nada me podia valer. Procurando o momento mais dramatico da minha vida, confesso que não sei francamente, qual elle é. Passei, depois disso, uma semana de angustias e apprehensões. Dessa semana, todinha, posso escolher qualquer momento para ser o mais dramatico da minha vida...

Antes de mais nada, vi que precisava de auxilio. Era uma mulher americana sózinha em Paris e isto, para elle, o accusado innocente, não era muito, com certeza... Eu tinha amigos de verdade em Paris, sabia-o. Mas eram amigos que não tinha eu vontade de procurar numa circumstancia tal. A primeira cousa que fiz, no emtanto, foi telephonar á embaixada Americana. Soube eu, por acaso, que o rapaz havia sido conduzido para a mais terrivel das prisões francezas, a *Santé*. Poderia eu vel-o, lá? Não! Com certeza era uma das cousas impossiveis deste mundo... Ninguem o poderia ver, mesmo. Pedi ao Consulado americano e ao Embaixador, mesmo, que fizesse alguma cousa. No emtanto, parecia, mesmo, que era um assumpto liquidado e impossivel de se solver. Elle, além de accusado de ladrão de automovel, tinha, agora, sobre si, a aggravante de ser prisioneiro foragido e isto, para elle, aggravava de 100% a sua situação. Procurei, por intermedio das melhores protecções, mandar-lhe alimentos melhores e roupas. Mas vel-o e provar-lhe que tinha uma amisade ao seu lado, irreductivel, nunca, com certeza! No emtanto, eu nem as roupas e os alimentos devia ter remettido porque soube, mais tarde, que os guardas delles se assenhorearam e nem siquer lhe deram noticias disso... Depois do terceiro e quarto dias de procura vã, com lagrimas e pedidos innumeros, nervosissima, começei a desanimar. No emtanto, na tarde desse dia informaram-me que as cousas se haviam arranjado, de forma que eu pudesse me avistar com o rapaz. Na America, entrar num presidio e falar a um preso, era tarefa facil. Mas em França...

Appareci perante os mais austeros cavalheiros francezes, representantes legitimos da lei. Jantei dias e dias com os representantes Americanos em Paris. Procurei ter audiencias com as figuras mais eminentemente politicas de Paris. E, por ultimo, soube que me era permittida a visita que eu tanto almejava fazer ao pobre rapaz. Ainda não sabia, no emtanto, o que iria aquillo significar para mim...

A minha audiencia, no presidio referido, fôra marcada para as primeiras horas da manhã do dia immediato. Afinal, nada mais era isso do que a defesa que havia feito do rapaz e de tudo quanto explicára aos tribu-

(Termina no fim do numero).

ANN HARDING
E ROBERT AMES
EM "HOLIDAY"

JEANETTE MAC DONALD E JACK
BUCHANAN E M"MONTE
CARLO"

RICHARD ARLEN E FAY WRAY
EM "THE SEA GOD"

KENNETH
THOMPSON E
RUTH
ROLAND
EM
"RENO"

ROBERT
MONT-
GOMERY
E
DOROTHY
JORDAN
EM "LOVE
IN THE
ROUGH"

Fay Wray, Mary Brian e Jean Arthur

Pergunte-me Outra

MISTER RAIO — (Rio) —1° — Ken Maynard e Hoot Gibson, Universal Studios, Universal City, Calif. 2° — Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald, Paramount Studios, Hollywood, Calif. 3° — Ramon Novarro, M. G. M. Studios, Culver City, Calif. Ponha apenas 300 reis de sello na carta. E' impossivel arranjar-lhe a photographia de Lon Chaney, porque, como é de praxe, não damos photographias á ninguem.

ARISTIDES — (Rio) — Ella está demorando para responder, mas responde, não tenha duvida. Tem sido vista, sim e para breve você terá sua opportunidade. Tenha paciencia, meu amigo. Se você aprecia o gremio de amadores, continue nelle, porque não! Mas fuja de escolas: são ratoeiras e papa - nickeis! E' homem, sim. Até logo, Aristides!

ANITA PAGE'S FAN — O engano não tem importancia. Temos razão para tal, mas não publicamos porque todas as photographias são más e impublicaveis.

AMANCIO STEWART — (Rio) — Envie photographias para esta redacção.

RADAGAZIO — (Rio) — Procure-nos a rua Visconde de Itauna, 419, redacção de CINEARTE, qualquer dia util das quatorze ás dezeseis.

DOIDO POR LELITAZINHA — (Rio) — 1° — Dirija-se a Cinédia. 2° — Aos cuidados desta redacção. 3° — E' um assumpto que só com a gerencia.

DUDU' — (Recife) — E' justamente para o enthusiasmo de toda essa gente que quer o Cinema do Brasil que elle continua firme e cada vez mais disposto. Li com interesse os seus commentarios e achei-os conscienciosos. Aqui vão os endereços: — 1° — Lois Moran e George O'Brien, Fox Studios, Hollywood, Cal. 2° — Lola Lane, Pathé Studios, Culver City, Cal. 3° — Clara Bow, Paramount Studios, Hollywood, Cal. Sobre o *Album*, dirija-se á gerencia.

Anita Page, Dorothy Sebastian e Joan Crawford

Yola D'Avril, Fifi Dorsay e Sandra Ravel

FITTO — (Recife) — Seus commentarios estão muito interessantes e feitos com ponderação. Continue animado que o Cinema do Brasil irá longe, com certeza.

SCENAS DO FILM DA PARAMOUNT, "THE MAN FROM WYOMING"

GARY COOPER E JUNE COLLYER

O Cinearte Album de 1931 está um assombro!

O mais tragico momento de

O momento mais dramatico da minha vida, occorreu entre as paredes da mais famosa das prisões francezas: "Santé". Uma prisão que era um inferno. Abrigo de mil e muitos assassinos, ladrões e tarados; toda infestada de parasitas, vermes e ratos; privada da luz do sol ou qualquer outra luz e gerida a poder de bayonetas caladas...

A muitos isto parecerá uma surpresa, porque, afinal, a "Santé" é uma prisão conhecida como de homens apenas: mas é verdade! E, gabo-me disso, fui a unica mulher e sou, ainda, que poz os pés no lado interior desses muros terriveis. Tão difficil é uma mulher pôr os pés para dentro da "Santé", quanto os que lá estão, cumprindo penas pôl-os para fóra... Tive que mexer, mesmo, com quasi todos os cordeis que movem os politicos da França só para conseguir a permissão que queria para visitar esse presidio. Isto, no emtanto, não é inicio da minha historia.

Começou a cousa, mesmo, numa das agradaveis tardes de Paris. Havia dias, apenas, que me achava em França e achava-me no "Crillon". Se bem me lembro, na noite passada havia estado num theatro e tinha apenas regressado ao hotel ha uma hora quando sôou a campainha do telephone. Não consegui comprehender, é logico, o significado de um chamado tão tardio e quando pensei cortal-o, verifiquei que minha empregada já o tinha attendido. Era alguem que se achava no salão de espera e me queria ver. Um cavalheiro, segundo dados.

Aquillo me intrigou. Eu não conhecia, positivamente, cavalheiro algum que pudesse áquella hora ali se apresentar, procurando-me. Rapida, ordenei á minha empregada que desligasse e mal se aperceberam disso, ligaram novamente. Attendi eu mesma. Pediu-me, o encarregado do telephone, que não tornasse a desligar, porque era assumpto importante. Assim, para liquidar a cousa, pedi-lhe que me communicasse com o referido individuo que me procurava tão altas horas.

Apenas ouvi sua voz e comprehendi o pedido que elle me fazia para ser attendido, disse-lhe, ansiosa, que subisse immediatamente. Era um meu amigo de infancia, um joven, extremamente joven, que se achava pela primeira vez em Paris e mettido em um terrivel aborrecimento.

Rapidamente, emquanto não chegava elle, atirei sobre mim alguma roupa e mal vestida ainda, ouvi, seccas e rapidas, duas batidas á porta. Se eu pudesse, naquelle instante, saber o que significavam, para mim, aquellas duas pancadas rapidas naquella porta... Se conseguisse adivinhar que eram o inicio de uma série de acontecimentos imprevistos e interessantes ao extremo... Talvez não tivesse tido a coragem que tive de abrir aquella porta e admittir no interior do meu quarto o tardio visitante.

Meus pensamentos, naquelle instante, vendo ali, defronte a mim, emocionado e pallido, o meu visitante, eram difficeis de se descreverem, mesmo. As roupas delle estavam rasgadas. O seu aspecto geral era sujo e penalisador. Não trazia chapéo e tinha a barba crescida. Apesar dos seus pequeninos 21 annos, parecia velho e denotava extremo abatimento. Eu o havia visto, pela ultima vez, 10 dias, antes do meu embarque. Naquelle instante, elle era o mesmo joven alegre, bem vestido, sympathico e vivaz que eu ha tanto conhecia. O que de terrivel lhe teria accontecido? Depois da surpresa, veio o romance daquella situação. Em rapidas palavras, resumirei o assumpto: elle parara sua viagem para Paris a 30 milhas da mesma, numa pequena aldeia, para apreciaI-a. Ali se achando, sem mais aquella, foi apanhado ás brutas e atirado ás grades da prisão pelo crime de ter furtado um automovel. Elle reclamara a sua innocencia. (Era evidente que eu nella acreditava, tanto mais que o conhecia de sobra que elle era um rapaz de posses). No emtanto, de nada valeram seus protestos diante das autoridades. Agora, o que de mais sério nisso havia, é que depois dos dois dias de prisão local, elle conseguira a fuga e immediatamente dirigira-se para Paris. Procurara-me, immediatamente e sabia, de sobra, que o estavam procurando e que talvez o levassem comsigo, novamente. Elle me pedia, angustiado, que o livrasse daquella situação difficil. Era evidente — dizia-me elle — que odiava a si proprio pelo facto de precisar recorrer a uma mulher, numa situação tal, quando a mesma se achava em Paris para se divertir. Mas, o que havia elle de fazer, se, afinal, era eu a unica pessôa que elle conhecia em França? Além disso, elle não sabia falar uma só palavra de francez, o que mais ainda, com certeza, aggravava a sua situação. Depois de me dizer isso, elle teve um periodo grande de prostração. Eu e minha empregada o reanimámos, o quanto possivel e o puzemos mais á vontade.

Emquanto elle se refazia da intensa emoção dos seus ultimos dias de Paris, eu pensava naquillo tudo e avaliava as consequencias de tudo quanto elle me acabara de contar. Analysei tudo o mais friamente possivel. Tratava-se de um rapaz que eu conhecia desde criança. Haviamos quasi sido creados juntos e muitas brincadeiras tinhamos feito. Cresceramos juntos, podia-se dizer e elle, mais moço do que eu

MINHA VIDA

alguns annos tivera por mim, mesmo, um amorzinho genuinamente infantil. Depois, entrei para o theatro e este seu sonho e... talvez meu, tambem, desvaneceu-se por completo. Apenas o vira, repito, 10 dias antes de viajar para Paris. Depois soube que elle tambem viera para a França e achando-o sempre um rapaz sympathico e agradavel, eu não podia esquecer, absolutamente, nossa tão antiga e tão sincera camaradagem de outros tempos. Agora era elle que ali se achava, prostrado e derrotado e precisava do meu auxilio.

Melhorando elle, tentou contar o que restava de toda aquella historia. Fôra elle condemnado, afinal, pelo roubo de um automovel, realizado "ha oito mezes", época essa em que elle nem sonhava com a simples possibilidade de ver Paris. Parece impossivel, bem sei, mas é preciso que se explique que as leis francezas consideram um individuo culpado e criminoso, portanto, até o momento em que possa provar a sua innocencia. Não ha, como na America, o direito de um "habeas corpus" que dá ao prisioneiro a faculdade de tentar, immediatamente, uma defesa logica em torno do seu caso. Além disso, tinham-lhe tirado o passaporte e elle, assim, não podia provar desde que data achava-se em Paris. Disse-me elle que os seus pertences tinha elle num pequeno quarto, alugado na vespera da sua chegada, foragido e, ainda, que sentia que a perseguição sobre elle cercava o seu elo. Elle tivera difficuldade em me encontrar e sentia que de todos os lados espreitavam-no para o lançarem á prisão, de novo, na possibilidade em que elle se achava de tomar uma prompta defesa para o caso. Tive um plano. Chamariamos o *chauffeur* ao hotel e o convidariamos a nos auxiliar. Conduziria elle o rapaz para o seu quarto e, deixando-o lá, afastar-se-ia e o esperaria a distancia. Dei ao rapaz todo o dinheiro trocado que tinha em mãos e despedi-me delle.

Se eu pudesse ter comprehendido que aquelle *adieu* era mais ou menos para sempre, eu, sem duvida, tel-o-ia retido em minha companhia. A's cinco da manhã, fui acordada pelo encarregado do taxi que me vinha avisar que deixára o rapaz no seu quarto e que quando elle sahia, e, num salto, procurava galgar o estribo do carro, fôra apanhado por dois policiaes que se achavam pelas redondezas que lhe deitaram algemas aos pulsos e o levaram aos safanões para a carruagem que os esperava mais distante.

As unicas perguntas que fiz a mim mesma, naquelles instantes aborrecidos, foram estas:

— Aonde estará elle agora?...

— Tel-o-iam levado, de novo, para a aldeia franceza a 30 milhas de Paris?

O *chauffeur* nada sabia adiantar e de nada me podia valer. Procurando o momento mais dramatico da minha vida, confesso que não sei francamente, qual elle é. Passei, depois disso, uma semana de angustias e apprehensões. Dessa semana, todinha, posso escolher qualquer momento para ser o mais dramatico da minha vida...

Antes de mais nada, vi que precisava de auxilio. Era uma mulher americana sózinha em Paris e isto, para elle, o accusado innocente, não era muito, com certeza... Eu tinha amigos de verdade em Paris, sabia-o. Mas eram amigos que não tinha eu vontade de procurar numa circumstancia tal. A primeira cousa que fiz, no emtanto, foi telephonar á embaixada Americana. Soube eu, por acaso, que o rapaz havia sido conduzido para a mais terrivel das prisões francezas, a *Santé*. Poderia eu vel-o, lá? Não! Com certeza era uma das cousas impossiveis deste mundo... Ninguem o poderia ver, mesmo. Pedi ao Consulado americano e ao Embaixador, mesmo, que fizesse alguma cousa. No emtanto, parecia, mesmo, que era um assumpto liquidado e impossivel de se solver. Elle, além de accusado de ladrão de automovel, tinha, agora, sobre si, a aggravante de ser prisioneiro foragido e isto, para elle, aggravava de 100% a sua situação. Procurei, por intermedio das melhores protecções, mandar-lhe alimentos melhores e roupas. Mas vel-o e provar-lhe que tinha uma amisade ao seu lado, irreductivel, nunca, com certeza! No emtanto, eu nem as roupas e os alimentos devia ter remettido porque soube, mais tarde, que os guardas delles se assenhorearam e nem siquer lhe deram noticias disso... Depois do terceiro e quarto dias de procura vã, com lagrimas e pedidos innumeros, nervosissima, começei a desanimar. No emtanto, na tarde desse dia informaram-me que as cousas se haviam arranjado, de forma que eu pudesse me avistar com o rapaz. Na America, entrar num presidio e falar a um preso, era tarefa facil. Mas em França...

Appareci perante os mais austeros cavalheiros francezes, representantes legitimos da lei. Jantei dias e dias com os representantes Americanos em Paris. Procurei ter audiencias com as figuras mais eminentemente politicas de Paris. E, por ultimo, soube que me era permittida a visita que eu tanto almejava fazer ao pobre rapaz. Ainda não sabia, no emtanto, o que iria aquillo significar para mim...

A minha audiencia, no presidio referido, fôra marcada para as primeiras horas da manhã do dia immediato. Afinal, nada mais era isso do que a defesa que havia feito do rapaz e de tudo quanto explicára aos tribu-

(Termina no fim do numero).

ANN HARDING
E ROBERT AMES
EM "HOLIDAY"

JEANETTE MAC DONALD E JACK
BUCHANAN E M"MONTE
CARLO"

RICHARD ARLEN E FAY WRAY
EM "THE SEA GOD"

KENNETH
THOMPSON E
RUTH
ROLAND
EM
"RENO"

ROBERT
MONT-
GOMERY
E
DOROTHY
JORDAN
EM "LOVE
IN THE
ROUGH"

Fay Wray, Mary Brian e Jean Arthur

Pergunte-me Outra

MISTER RAIO — (Rio) —1° — Ken Maynard e Hoot Gibson, Universal Studios, Universal City, Calif. 2° — Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald, Paramount Studios, Hollywood, Calif. 3° — Ramon Novarro, M. G. M. Studios, Culver City, Calif. Ponha apenas 300 reis de sello na carta. E' impossivel arranjar-lhe a photographia de Lon Chaney, porque, como é de praxe, não damos photographias á ninguem.

ARISTIDES — (Rio) — Ella está demorando para responder, mas responde, não tenha duvida. Tem sido vista, sim e para breve você terá sua opportunidade. Tenha paciencia, meu amigo. Se você aprecia o gremio de amadores, continue nelle, porque não! Mas fuja de escolas: são ratoeiras e papa - nickeis! E' homem, sim. Até logo, Aristides!

ANITA PAGE'S FAN — O engano não tem importancia. Temos razão para tal, mas não publicamos porque todas as photographias são más e impublicaveis.

AMANCIO STEWART — (Rio) — Envie photographias para esta redacção.

RADAGAZIO — (Rio) — Procure-nos a rua Visconde de Itauna, 419, redacção de CINEARTE, qualquer dia util das quatorze ás dezeseis.

DOIDO POR LELITAZINHA — (Rio) — 1° — Dirija-se a Cinédia. 2° — Aos cuidados desta redacção. 3° — E' um assumpto que só com a gerencia.

DUDU' — (Recife) — E' justamente para o enthusiasmo de toda essa gente que quer o Cinema do Brasil que elle continua firme e cada vez mais disposto. Li com interesse os seus commentarios e achei-os conscienciosos. Aqui vão os endereços: — 1° — Lois Moran e George O'Brien, Fox Studios, Hollywood, Cal. 2° — Lola Lane, Pathé Studios, Culver City, Cal. 3° — Clara Bow, Paramount Studios, Hollywood, Cal. Sobre o *Album*, dirija-se á gerencia.

Anita Page, Dorothy Sebastian e Joan Crawford

Yola D'Avril, Fifi Dorsay e Sandra Ravel

FITTO — (Recife) — Seus commentarios estão muito interessantes e feitos com ponderação. Continue animado que o Cinema do Brasil irá longe, com certeza.

RAMON GRAVANDO UMA CANÇÃO...

Stan Laurel e seu director James Parrott numa pescaria. Em baixo, Greta Garbo e Lawrence Tibbet.

Curiosidades de Hollywood...

JOHN GILBERT E LEILA HYMANS EM "WAY FOR A SAILOR".

BUSTER KEATON E SALLY EILERS.

UMA PHOTOGRAPHIA FALADA DE HEDDA HOPPER...

A ESPADA VERMELHA

(THE RED SWORD) — FILM DA F B O

WILLIAM COLLIER JR. . . . . , Paul
Marian Nixon . . . . Vera
Alan Roscoe . . . . Litovski
Camel Myers . . . . Katherine & Marilka
Charles Darvas . . . . Fideleff
Director: — ROBERTO G. VIGNOLA

Katherine, Viranoff e Vera, na pequena hospedaria que elle mantinha, ha tempos, viviam na mais absoluta paz e na maior harmonia. Elle, pae extremoso e marido exemplar, enchia a sua Vera dos maiores mimos e Katherine do melhor amor. E assim, até ao instante em que o General Litovski e sua officialidade ali se apresentaram, tudo correu em paz.

Mas naquelle dia, as cousas mudaram. Litovski era arbitrario, violento e despota na sua menor acção. Assim que entrou e que as primeiras honras lhe foram prestadas humildemente por Viranoff, percebeu, em Katherine, uma mulher bonita, e apenas perturbada, na sua graça, pelas roupas de camponeza pobre que trajava. O resto foi-lhe completamente indifferente. Não mais pensou em nada. Ordenou que se preparassem manjares excellentes e emquanto a pobre e pequenina Vera, medrosa, mal se chegava á mesa da officialidade para arrumal-a e Viranoff cuidava do jantar, Litovski percebeu que Katherine subira para arrumar seu quarto e, disfarçando muito mal o seu golpe, subiu em sua perseguição.

Tempos depois, quando Viranoff entrava com os primeiros assados para a mesa dos soldados e Vera já havia concluido todo seu trabalho, ouviram-se gritos abafados e, depois, em completo desalinho, rosto apavorado, profundo terror na sua attitude, Katherine recuava diante da figura bestial de Litovski que apenas lhe sorria com malvadez e cynismo. Ao primeiro degrão, falseou-lhe o pé. Rodou a escada. Sobre seu corpo, ainda quente, precipitaram-se Viranoff e Vera e doidos de amargura, perceberam, afinal, que em consequencia da quéda ella fallecera.

Num instante, revoltado, Viranoff atirou-se sobre Litovski, comprehendendo sua miseria. Mas uma chibatada certeira, duas, tres, prostaram-no. Minutos depois, quando já ninguem mais ali havia a não ser Vera, Viranoff e uma criada velha, viu-se a mais de todas as desgraças. Em consequencia da primeira chibatada, elle cegára.

\+ + +

Seis annos mais tarde, quando Vera já era quasi a noiva de Paul Litovski, ignorava, ainda, que fosse elle o filho daquelle crudelissimo homem que fôra o causador de toda a infelicidade da sua familia.

Paul a amava extremamente. Vera, na sua simplicidade, na sua singeleza e na formosura do rosto era bem a companheira com a qual elle sonhava. E ella, por sua vez, queria-o immensamente bem, profundamente bem!

Tudo caminhava em perfeita harmonia e nada destruia os simples planos de Paul e Vera, vigiados e apenas mal percebidos pelo pobre cego. Assim, dias depois, quando Litovski sobe de tudo e, ainda, que seu filho se pretendia unir em casamento a Vera, uma camponeza simples e sem sangue nobre, revolta-se e ordena que os mesmos sejam incontinentemente afastados. Da discussão que tem com seu filho, nasce uma profunda divergencia entre ambos e num impeto, não conseguindo reprimir seu genio violentissimo. Litovski chibateia Paul.

Amesquinhado, triste e aborrecido, Paul, furtivamente, procura Vera, Conta-lhe o que se passára e sua surpreza é immensa quando conhece os planos de Vera em relação a seu pae, planos esses que ella justifica com a acção que o mesmo ha annos commettera contra sua familia e da qual nascera sua immensa desdita. Comprehendendo e justificando isto, Paul não deixa de a amar por causa disto e apenas são interrompidos, na conversa, pela presença de Marilka, uma artista russa de grande fama, que se approxima, conhecendo Paul e com elle conversa alguns minutos, da sua carruagem mesmo. Quando voltou para o lado de Vera, Paul percebeu que ella estava transfigurada. E' que Marilka era o retrato vivo de Katherine, sua mãe e para provar o que diz, ella apanha uma photographia de sua mãe que tem comsigo e a entrega a Paul, que a vê surpresa. Em um segundo vem-lhe a idéa ao cerebro. Havia de pedir a Marilka que se disfarçasse como Katherine e apparecesse a Vera, na janella do seu quarto, afim de que ella pensasse que fosse o espirito de sua mãe a vaguear por ali, como dizia sempre sonhar e, assim, demovesse-a do intento de assassinar seu pae.

Se bem fez, melhor pensou e, assim, tinha já combinado, para aquella noite, com Marilka, a comedia toda que traria, finalmente, socego a todos.

\+ + +

Supersticioso e viciado, Litovski fôra advertido, durante uma de suas bachanaes, por uma cigana, que teria apenas dias de vida e aquillo o puzéra totalmente enervado e inutilizado até que passasse o prazo. E, assim, na hospedaria aonde se achava, prohibio que qualquer estranho entrasse e, ainda, poz guarda á porta do seu quarto, para impedir qualquer assalto imprevisto.

Tudo combinado, Paul apenas esperava o apparecimento de Marilka. No emtanto, esta, sem se ter lembrado de lhe perguntar o local aonde se devia achar, fôra á hospedaria pedir a elle que lhe dissesse e, emquanto elle não voltava, ali ficava sem ter nada que fazer.

Perseguido de remorsos e invadido de pavor, Litovski em tudo ouvia rumores e passos e ruidos estranhos.

Assim, num instante, apercebendo-se de passos no quarto de Paul e sabendo-o ausente, não mais cogita. Precipita-se para o interior do seu quarto e quando nelle vê Marilka, disfarçada como se fosse Katherine, quasi enlouquece e sahindo em furiosa disparada, despenca do topo da escada e tomba fulminado ao sólo.

Sem querer, Marilka operára o "milagre" com o qual sonhava ha tanto tempo Vera e, tambem, seu pobre pae.

Fugindo Marilka, com a protecção de Paul, que chegára a tempo de assistir á scena, tudo se normaliza e Paul, finalmente, pode offerecer a Vera uma felicidade que ella bem merecia e que elles sellam, finalmente, num immenso e apaixonado beijo.

(O) — (O) — (O) — (O) — (O) — (O)— (O) — (O)

Dorothy Mackaill depois de ter brigado longamente com a Warner Bros e First National, por questões de salarios, entrou em accordo e assignou um contracto vantajoso, a iniciar-se em 1º de Janeiro de 1931.

卍

John S. Robertson está dirigindo, com Evelyn Brent no principal papel, tem Robert Ames como galã e Lew Cody como villão.

卍

"New Morals", será a proxima fita de William Powell, que tem a direcção de Victor L. Schertzinger e tem Fay Wray no principal papel.

A Estrella que não

Kathryn Crawford tem medo do successo rapido

Em Hollywood existem as melhores historias e ellas vêm, todas, das proprias vidas dos artistas e das artistas de Hollywood. No emtanto, olhando-os, nas suas superficies, ninguem crerá que sejam infelizes ou que tenham, mesmo, uma historia...

Kathryn Crawford é um exemplo do que estamos citando. *Safety in Numbers*, ao lado de Charles Rogers, marcará, para ella, um successo esplendido e bem grande. No emtanto... ella não queria o papel que teve! Acceitou-o, mesmo, depois que viu Sharon Lynn abandonar o trabalho, sempre temperamental e, assim, largar vago, mais uma vez, o lugar que já era seu, desde o principio. Ahi é que o acceitou.

Hoje, Kathryn Crawford ainda acha que o successo vem muito depressa, algumas vezes... Ella não crê num successo immediato e como acha que o seu aprendizado é muito curto, ainda, não quer precipitar as cousas e ter papeis importantes, tão cedo, para, assim, não perder immediatamente todo o interesse a cahir cedo no ostracismo.

Aos dezesete, Kathryn Crawford nada mais era do que uma simples desconhecida, alumna de escola superior de Huntington Park em Los Angeles.

Aos dezoito, era a estrella de *Hit the Deck*, nas excursões todas que a companhia que a lançou na costa do Pacifico fez. Era, mesmo, a revista mais popular que até então se conhecia em Los Angeles e S. Francisco e ella era a *estrella*...

Aos dezenove, offereceram-lhe, com insistencia, um vantajoso contracto para dois annos com uma fabrica de fitas, como *heroina* para diversos trabalhos, apesar della nunca ter sido enfrentada pela *camera* e, ainda, tendo o offertante que insistir demasiado e innumeras vezes com ella...

Isto tudo, é bem verdade, tem-se dado em dois curtos annos e ella, apesar de tudo, não trabalhou com uma nesguinha só de vontade e gosto, ainda. Nunca estudou voz ou cousa semelhante e nem se ensaiou para conseguir qualquer papel. O que tem feito, tem sido dado quasi que a força. Venceu, no Cinema falado, porque tem uma voz esplendida e uma graça natural, expontanea e agradavel que a torna uma figura logo notada e tida em conta por qualquer especie de productor ou director, mesmo.

Agora por ultimo, Kathryn perdeu tres grandes opportunidades, de uma só vez, entre as quaes o papel central de *Naughty Marietta*. E, agora, diz ella que é um *fracasso*... Isto, acima de tudo, prova o quanto errada pode uma pessoa andar. No caso de Kathryn Crawford, então, a cousa aggrava-se, pelo facto de ser ella a primeira a se desprestigiar e a primeira a se desmerecer, ainda. Mas ella se ha de arrepender, na certa e ha de entrar pelo bom caminho, com certeza.

A cousa mais interessante sobre sua rapidissima carreira, é que dois annos antes de ser artista, era apenas collegial! Ganhou fama e contractos, logo, quando nem os procurou e nem os quiz. Gloria Swanson, por exemplo lutou annos e annos para conseguir um simples traje de banho na companhia de Mack Sennett... Mary Pickford desde menina, quasi, que luta pelo Cinema e teve uma entrada difficil para esta arte. Greta Garbo, quando chegou a Hollywood, soffreu varios vexames até que a fama lhe sorrisse. Vivienne Segal e Marilyn Miller desde meninas trabalham e lutam para conseguir posição e fama. Estudos longos de voz e ou-

tros ainda mais longos e mais penosos de dansa...

Estas pequenas que citamos, todas, subiram vagarosamente os degráos do successo. Subiram devagar... mas firmes!

Kathryn Crawford, ao contrario, não subiu: pulou! E agora, não se quer aproveitar da excellente opportunidade que lhe deu a sorte...

Veio para a California, de New York, quando ainda tinha apenas 12 annos. Sua voz, espontanea e afinada, tornou-se logo, no côro da Igreja, uma necessidade e, ainda, diversão de primeira para as festas da escola.

Aos 15, diversos professores de musica se offereceram, espontaneamente, para concertarem os defeitos da mesma e tornarem-na excellente de bôa que era. Ella respondeu firme e convicta a todos quantos lhe disseram isto:

Quiz a fama...

— Não. Não quero estudar. Acho muito mais interessante cantar... por cantar apenas!

Logo depois que terminou seus estudos superiores, emquanto ficava na espectativa sobre o que devia tentar ou sobre o que devia fazer, Lillian Albertson ouviu falar nella e procurou-a. Lillian Albertson, como todos sabem, é a maior productora de comedias musicadas e revistas na banda Oeste da America do Norte. Está sempre a procura de talentos novos e Kathryn Crawford, por isso mesmo, interessou-a muito, collocando-a logo sob contracto e fazendo-a estrear entre as pequenas do côro.

— Achei graça naquillo! Disse-nos Kathryn.

— A idéa de musica e luzes, attrahiu-me, afinal de contas. Aquillo me parecia

muito mais interessante do que terminar trabalhando no balcão de uma loja qualquer... Nunca havia pensado na possibilidade de ser uma artista, confesso. Mas quando ella me procurou e me propoz, logo me deixei fascinar pela aventura.

Na segunda peça, já, Kathryn Crawford foi vista desempenhando um curto papel e dansando alguma cousa além dos rythmos do corpo de bailados. Ella não conhecia cousa alguma de dansa mas queria o papel e pediu-o a Miss Albertson.

— Dansarei! Como não? Pois as outras não dansan? Eu dansarei tambem...

E seguiu as outras, imitando-as e dansou, mesmo, quando chegou a hora...

Finalmente, apanhou a opportunidade que já citamos, em *Hit the Deck*. Na vespera da estréa, a estrella deu um escandalo e brigou. Deixou a companhia e o papel foi direitinho para as mãos de Kathryn, exactamente como nas fitas...

Em um anno ella passara do camarim das *extras* para o camarim de *estrella*...

Foi depois disso que a Universal lhe offereceu o contracto do qual falamos, tambem. Mas as cousas não andaram tão facilmente assim, não. Ella é demasiadamente independente. E' de genio muito inconstante e difficilmente se enthusiasma por qualquer cousa. E acha, além disso que ainda não chegou o momento opportuno de se exhibir nos *talkies* e alcançar successo.

Kathryn não é bôa diplomata. Nunca o foi, mesmo. Sempre ganhou sua propria vida e foi o sustento de toda sua familia. Mas... permittiu a si propria o vicio de ser preguiçosa. Pouco procurou conseguir aquillo que era necessario. Sempre esperou que as cousas viessem ao encontro de si propria...

Quando começou a escolha do elenco para *Naughty Marietta*, Kathryn Crawford foi chamada. Marafiotti, o professor de voz da M. G. M., ouviu-a e disse, ao cabo da audição:

— Uma linda e excepcional voz, sem duvida! Mas... é preciso que tenha um pouco de trabalho com ella, immediatamente, para poder ter a sufficiente technica para enfrentar um trabalho longo e constante. Não pode sustentar, com a voz que tem, sem estudos, o papel que lhe querem dar. Musica mais difficil, não poderá sustentar com a mesma facilidade com que sustenta musica simples. Dois ou tres mezes de exercicios a farão perfeita. Mas... é preciso muito estudo e muita força de vontade!

O director, por sua vez, lhe disse:

— Você é esplendida, Kathryn e irá magnificamente. Mas... precisa dansar melhor e, para isso, precisa estudar bastante. Exercicios systhematicos, sabe?

Kathryn Crawford, acostumada com os dias passados e com as offertas faceis, com certeza, não ligou muito ao quanto lhe diziam. Mas agora... Como conseguirá vencer se não se quer sujeitar?

Mas ella se sujeitará, com certeza, porque é intelligente e muito arguta. E depois, então, teremos em Kathryn Crawford, com certeza, uma das artistas mais interessantes das novas que consideramos sempre.

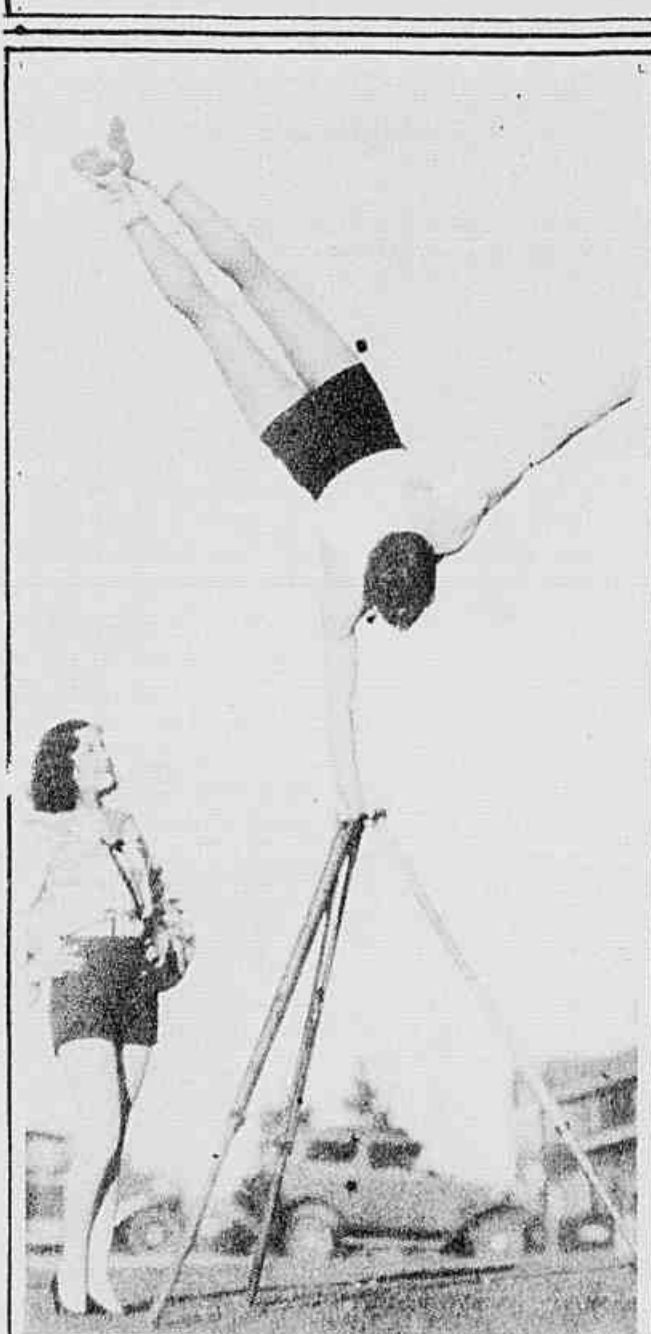
—O—O—O—O—O—O—

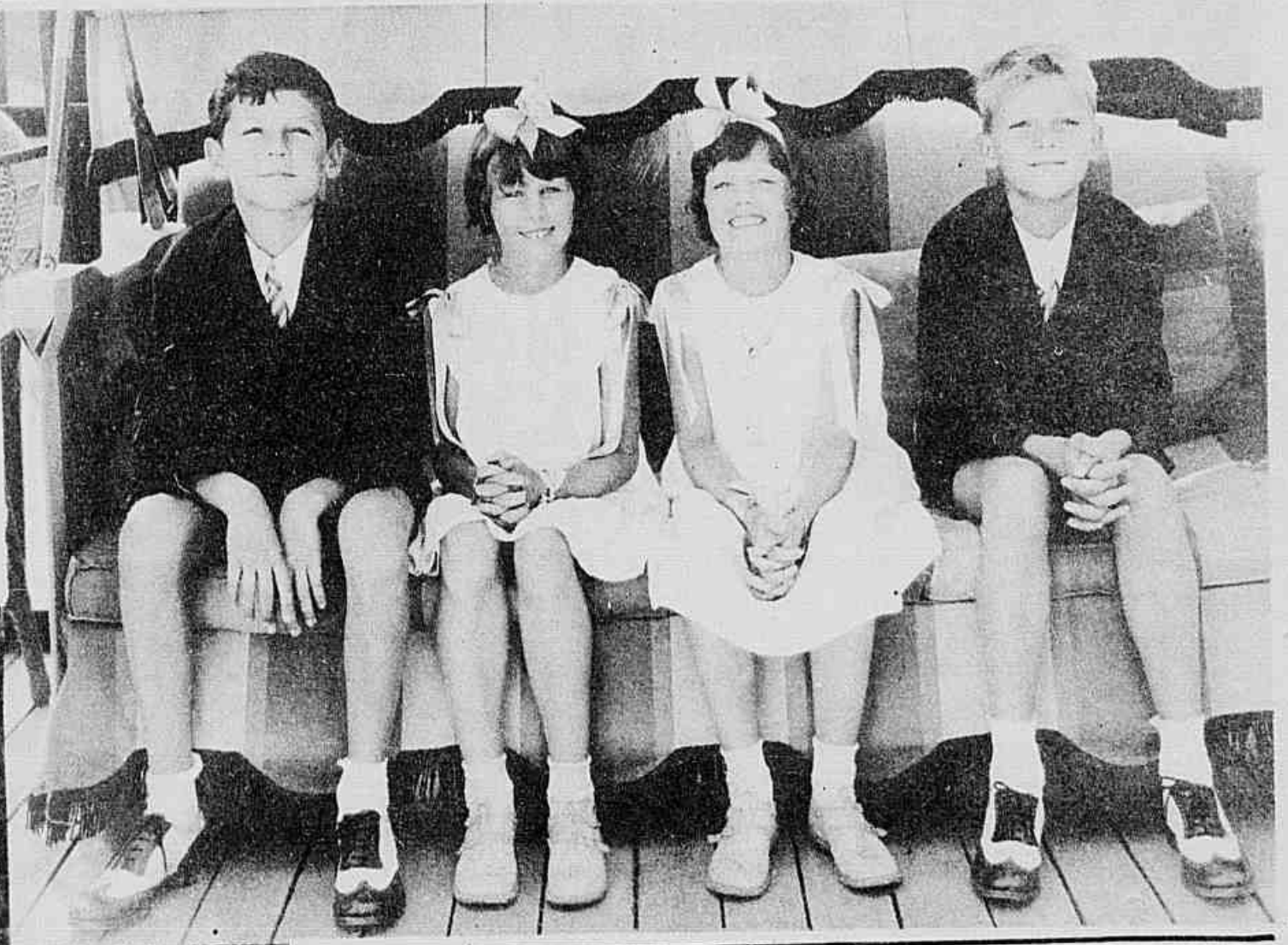
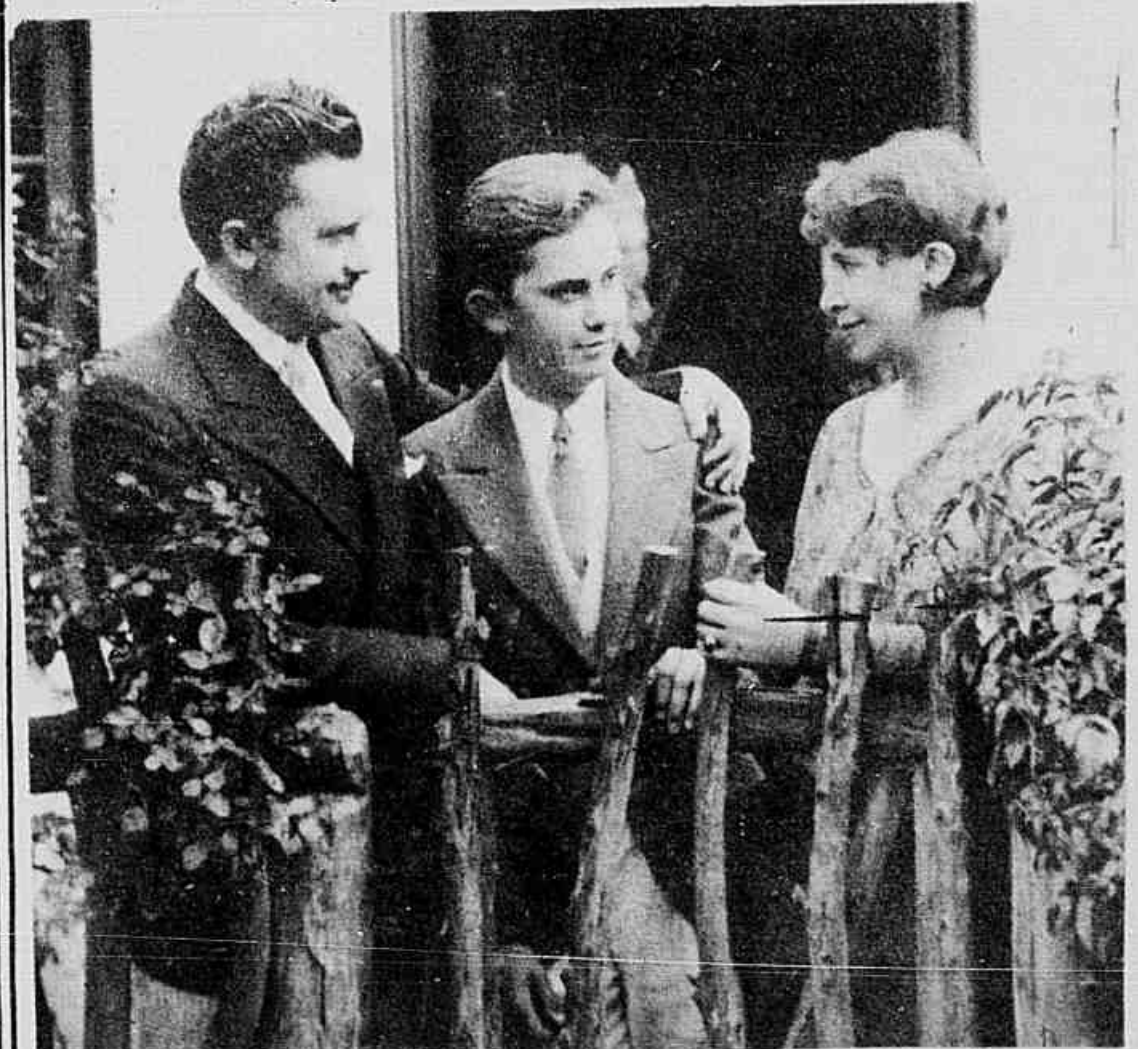
Harry Richman, cheio de pose, convencimento e cabello frizado, acaba de ser contractado para ser o *astro* dos *shorts*... da Paramount.

Rockabye, a proxima fita de Gloria Swanson, será dirigida por Tay Garnett.

NOVA GERAÇÃO DE HOLLYWOOD

David Sharpe, Gertie Messinger, Dorothy Granger, Mickey Daniels (Como está crescido!) e outros...

Neil Hamilton e senhora

Bodil Rosing e Tove Janson, sogra e esposa de Monte Blue. Barbara e Dick são os seus filhinhos.

Eddie Canton e familia... Safa!...

Lawrence e Richard, os filhos gemeos de Lawrence Tibett, visitam Ann e Gedaldine, filhas gemeas de Harry Beauman

Jean Hersholt, senhora e filho

A TELA EM

GARY COOPER EM "AGORA OU NUNCA".

PALACE-THEATRO

TROIKA (Troika) — Pax Film. —, Producção de 1929. — (Programma Serrador).

Wladimir Strijewski dirigiu esta fita da Pax, com Hans A. Von Schletow, Olga Tschékowa, Michael Tschékow e Helen Steels nos principaes papeis. Como principal attractivo, offerece uma parte sonóra adequadissima e toda ella compilada com carinho extremo e das mais interessantes que já se ouviram até hoje.

Como fita, porém, "Troika" deixa a desejar. O realismo das suas situações não é convincente. Scenas longas e desinteressantes. Letreiros inopportunos. O contraste de situações que apresentam está desenvolvido de uma maneira forçada. Ha porém, uma scena dramatica bem interessante se bem que prejudicada por um lettreiro. A photographia e a illuminação são optimas e a interpretação agrada bastante vezes.

Ha algumas scenas de valor. Se não fosse prejudicada pelo eterno correr das historias parallelas, aquella seducção de Olga Tschékowa a Hans A. Von Scheletow teria sido notavel. Ha um grande sensualismo e uma grande vida nessa scena. Michael Tschékow, por sua vez, deteriora grande parte da fita com sua figura exaggerada e extremamente sordida. Nas sequencias em que toma parte, o exaggero sentimental attinge gráos extremos, como aquella sequencia em que dansa para ganhar aquella moeda que o outro aquece ao ponto de braza antes de lha dar.

As eternas scenas cruas sem a suavidade artistica dos films russos. Helen Steels é a melhor figura do elenco.

Cotação: 6 pontos.

₰ Como complemento, um "short" colorido da Tiffany, "Grotões Flammejantes". Monotono como a maioria desses "shorts" coloridos "educativos".

ODEON

A ILHA MYSTERIOSA (The Mysterious Island) — Fita da M G M. — Producção de 1929.

Esta fita era mais uma fita "encantada" do que "phantastica". Sim, porque para fazel-a, a M G M perdeu uma regular fortuna e, ainda por cima, não conseguiu nem siquer 60% da especie de fita que pretendia ter, com este assumpto de Jules Verne. A primeira versão a ser filmada e que foi radicalmente prejudicada por uma daquellas tremendas passadas tempestades das ilhas dos mares do Sul, que anniquillou todo o trabalho do primitivo director, Benjamin Christiansen, tinha Conrad Nagel e Bessie Love nos principaes papeis e o fallecido Marc Mac Cormack no papel de Montagu Love. Tudo prejudicado pelo desastre que o "unit" soffreu, não se pensou mais no assumpto, até que elle, mais tarde, foi refilmado, todinho, sob a direcção de Lucien Hubbard e com outro elenco, apenas ficando Lionel Barrymore.

E' uma fita de assumpto "phantastico" e explora o classico fundo do mar, com suas curiosidades e seus phantasticos imprevistos. Mas... falta qualquer cousa! Não é perfeito e aquillo tudo, sente-se, não convence a platéa. Porque as fitas phantasticas, quando são perfeitas, têm um que de realismo que tornam o assumpto até provavel, em certos trechos. No emtanto, é bem melhor do que uma do mesmo genero que vimos a semana passada: "A Mulher na Lua". Bem melhor, porque tem um elemento amoroso mais cuidado, alguma emoção bem dosada e a não ser uns dialogos interminaveis e cacetissimos, entre Lionel e Montagu Love, em geral agradavel e assistivel. Podia ter sido muito melhor, não resta duvida, mas assim mesmo não está de todo mal, não.

Jane Daly é uma heroina completamente sem vida e Lloyd Hughes o typo do galã, mesmo e mais nada... Lionel Barrymore é o *sabio* creador de todos os mysterios da dita ilha. Ha trechos em que provoca risos extemporaneos com suas caretas e seus tregeitos que são a herança da sua "famosa" familia de artistas tragicos... Monta Love, como villão, a mesma cousa que era na World, ha quinze ou mais annos. Harry Gribbon e Snitz Edwards, a dupla comica sem uma piada siquer... Gibson Gowland, sacrifica-se pela heroina. Lucien Hubbard, como director, continúa um bom scenarista. Interessantes, sem duvida, são aquelles capacetes de celluloide feitos para os escaphandros de alta pressão... Podem assistir. Talvez cochilem no trecho em que Lionel conversa com Montagu. Mas depois hão de se interessar mais ou menos pelo resto da historia.

Cotação: 6 pontos.

₰ Como complemento, "Formação de Culpa", uma comedia da dupla Stan Laurel-Oliver Hardy. Não é das melhores, mas, assim mesmo, cheia de piadas interessantes e de effeito seguro. O final é forçado e muito explorado. Bom complemento de programma.

MULHER IDEAL (A Lady to Love) — Fita da M G M. — Producção de 1929.

Ha tempos, Pola Negri fez, sob a direcção de Rowland V. Lee, "Hora Secreta", uma fita que tinha muitas das qualidades do Cinema silencioso, além da photogenia do elenco todo e da direcção simples e bem cuidada.

Agora, Vilma Banky nos apresenta, sob a direcção de Victor Seastrom e com todos os defeitos capitaes e inherentes ao Cinema falado, "Mulher Ideal", a mesma fita, 100% dialogada e 100% prejudicada, no seu todo, pelos mesmos dialogos, interminaveis e aborrecidos e, tambem, pelo exaggero dos artistas de theatro que o elenco tem.

Victor Seastrom, não sabemos a que attribuir, nada apresenta, nesta fita, que justifique os seus anteriores successos e a sua indiscutivel capacidade como director. O seu trabalho é em geral fraco e todo apoiado nos dialogos que explicam a acção toda. Mais ainda nos causa má impressão esta fita, por termos em mente os recursos de que era prodiga a primeira versão e, tambem, por vermos tão mal aproveitada uma belleza soberba e uma artista formidavel como é Vilma Banky, sem favor algum. A fita se arrasta, todinha, apoiada nos dialogos. Torna-se monotona, cacete, mesmo, quando poderia ser agradavel e interessante. Aquella situação da noiva, na noite do seu casamento, depois que todos se retiram, quando ella se entrega ao amigo mais intimo do seu marido, que era lindissima, na fita de Pola Negri, está mal detalhada e mal explicada. A explicação, propriamente, vem depois, em dialogos, pondo ao cru o que um simples detalhe de Cinema silencioso explicava tão bem... Vendo esta fita é que se raciocina e se pensa bem naquelle gostoso Cinema de outros tempos, sem ruidos e sem vozes. Apenas elle: silencioso e magnifico, infiltrando-se suavemente pelo cerebro, fazendo vibrar todas as gammas da emoção de uma alma e sendo como recurso apenas o seu eloquentissimo silencio de ouro... Este assumpto, humano e interessantissimo, assim como está, em *Mulher Ideal*, nada mais é do que um bocejo e um pouco caso. Ha letreiros intercalados que auxiliam a comprehender o enredo. Mas são dialogos e mais dialogos e mais dialogos e mais dialogos e portas de automovel a bater e trens a partir e todo o cortejo de *sons* que formam o cabedal imprescindivel ao successo actual das fitas...

Não nos queremos revoltar contra o Cinema falado ou systematicamente combatel-o. Mas se houver alguem que acceite um parallelo entre *Mulher Ideal* e *Hora Secreta* e ainda por cima ache a primeira melhor, então temos certeza de que ha um, afinal! E esta comparação, afinal, nada mais é do que a comparação entre Cinema silencioso e Cinema falado... Estragaram o argumento, Vilma Banky e Victor Seastrom.

Edward G. Robinson, grande figura do palco, faz o papel que Jean Hersholt tinha na primeira versão. E' preciso dizer qual o melhor?... O quanto Jean tinha de sincero, agradavel e sublime, mesmo, Edward tem de theatral, exaggerado e falso. E' o legitimo tragico dos theatros de domingo, com peças de Ibsen... A scena em que Vilma Banky quer *deixar o lar*, é sublime em *hokum* e em tragedia de genuina Broadway, toda ella executada pela malabarice excentrica do nosso amigo Robinson... Um só plano de Vilma, olhos razos de lagrimas estragou toda aquella tragedia... Kenneth Thompson fazia, na primeira versão, o papel que nesta tem Robert Ames.

Vilma Banky, é, com sua belleza e sua sobriedade riquissima, 95% dos 40% de interesse que a fita tem. E faz tantas saudades... Tantas... Lembram-se de *Noite de Amor?...*

Repetimos: não comprehendemos um fracasso tão grande para a direcção de Victor Seastrom.

Argumento de Ben Marksohn com adaptação e dialogos de Sidney Howard. Photographia esplendida de Merritt B. Gerstadt.

Cotação: — 5 pontos.

₰ Como complemento, *New York Cocktail*, uma revistazinha colorida, cantada, sapateada, dansada, etc., da M. G. M. Interessante e agradavel. Raymond Hackett e Mary Doran apresentam-na e Nina Mae Mac Kinney, de *Alleluia*, as irmãs *Brox* (uff!) e outras cavalheiras, cantam e divertem. Como *short*, esplendido e muito divertido.

GLORIA

ASSIM E' A VIDA — (Asi es la Vida) — Sono Art — Producção de 1929 — Prog. Matarazzo.

Segunda fita que José Bohr faz para a Sono Art. A primeira, *Sombras de Gloria*, era uma dramalhão pesado e theatral. Esta, *Assim é a Vida*, é uma comedia sem graça, com vislumbres de melodrama policial e theatral, tambem. Assistindo-se uma fita assim, têm-se, não sabemos porque, vontade de exclamar, commovidos, a phrase que, de facto, inspira esta epocha de fitas faladas e tão fraquinhas: *asi es la vida*...

A fita não tem um só ponto de valor. Se não fosse a interpretação de Delia Magãna, uma figurinha viva e interessante, estaria em

REVISTA

peores situações, ainda, porque José Bohr, como sabem todos, é feio, antipathico e canta com muita affectação. Lelita Vendrell, Myrta Bonillas, Julian Rivero e mais uma collecção de hespanhoes e hispanos-americanos, completam o elenco. George J. Crone dirigiu menos do que soffrivelmente.

As situações são theatralissimas e exaggeradas e os artistas, entre os quaes Julian Rivero, são os peores que se possam imaginar, cooperando, assim, para o nenhum agrado que a fita causou á platéa.

As fitas faladas em inglez são melhores, francamente. Pode ser que ninguem entenda, mas, ao menos, existirão os letreiros sobrepostos. As em hespanhol, têm innumeros motivos: são sem letreiros e obrigam, assim, a todos ouvirem aquillo sem entenderem, na maioria dos casos, pelas más dicções ou pela lingua estrangeira que ella não deixa de ser e, ainda, quasi sempre possuem elencos com os artistas mais fracos que já nos foram dados apreciar. Qualquer companhia nacional de comedia, em theatros Brasileiros, é mais agradavel de se assistir do que uma dessas fitas faladas em hespanhol. E viva a conservação dos apparelhos falados!

Cotação: — 2 pontos.

Como complemento, *Canções Brasileiras*, da Synchrocinex-Parlophon, com Genesio Arruda, Tom Bill, Caiaffa e' um cantor cujo nome foi omittido. Não estão ellas mal gravadas e nem mal synchronisadas com os movimentos labiaes dos artistas, pelo systema *tapeophone*. Mas estão mal photographados e os "apanhados" são feios. *O Melhor da Festa*, comedia da R. K. O., com Alberta Vaughi, Al Cooke, Joe Bonomo, Sidney Bracey e outros. estupenda e muito interessante. Foi a salvação do programma. Vejam-na. Muito bôa.

CAPITOLIO

O RANZIZA — (Cascarrabias) — Paramount — Producção de 1930

Mais uma fita falada em hespanhol, com Ernesto Vilches, desta vez, no principal papel. E' um artista da America central que já nos visitou com sua companhia de comedias, dramas, tragedias e farças e o qual tivemos occasião de *apreciar* em *Wu Li Chang*, versão theatral do mesmo assumpto que vimos em fita com Lon Chaney, sob o nome de *Mr Wu* e o qual elle agora está filmando para a M. G. M. O seu desempenho e a fita toda, por signal, são muito theatraes. Este mesmo argumento, *Grumpy*, tem a sua versão ingleza, com Cyril Maude no principal papel e, tambem, já foi feito silencioso, ha annos, com o nome de *Noiva Leviana*, e tendo Theodore Roberts no principal papel, admiravelmente, aliás. Elle e o seu charuto, mas sem a fama de Vilches, era mais natural, mais real...

E' um velho rabugento, ha annos um criminalogista genial da Inglaterra. Com toda a sua idade, é elle quem desvenda o mysterio todo que a historia encerra

Vilches, no emtanto, dentro da sua technica absolutamente theatral, tem alguns momentos felizes e os classicos Ramon Pereda e Barry Norton figuram, secundados, ainda, pela interessante Carmen Guerrero.

Não assistam a fita como Cinema. Vejam-na como theatro photographado.

Cotação: — 5 pontos.

ELDORADO

DANSA REDEMPTORA — (Murder on the Roof) — Columbia — Producção de 1930 — Programma Matarazzo.

Dentro do seu programma de fita de linha, explorando um assumpto embora batido de assassinato mysterioso, é interessante e não desagrada, totalmente. O elenco, chefiado pela belleza admiravel de Dorothy Revier, representa com segurança e tem sua figura central em Raymond Hatton, que ha tempos não apparecia. Margaret Livingston, David Newell, o galã, Paul Porcasi, Virginia B. Faire, William V. Mong, Louis Nathea e Fred Kelsey, eternamente detective, enchem o publico de situações complicadas e soluções logicas, algumas, inverosimeis, outras.

A principal culpa da fita não ser melhor ainda, é de George B. Seitz, seu director, que nada mais produziu do que um dos seus communs trabalhos. O assumpto de Edward Doherty teve scenario de F. Hugh Herbert.

Passa tempo para um dia de pouca cousa que fazer e melhor ainda se fôr complemento de programma.

Cotação: — 5 pontos.

AMANTE DE EMOÇÕES — (Bull Dog Drummond) — United Artists — Producção de 1929.

Finalmente exhibiu-se esta fita de Ronald Colman! Elle fazia saudades, apesar de tudo. No emtanto... Forçoso é confessar que a comparação com os seus antigos successos silenciosos, é sempre desairosa para esta fita... Elle era tão romantico, tão sentimental e delicado quando amava Vilma Banky e vivia os romances mais bonitos da téla. Agora... Veio-nos numa versão muda de sua primeira fita falada.

A fita, que não é má, diga-se, aborda a comedia e o melodrama mysterioso e curioso, principalmente. Bulldog Drummond envolve-se voluntariamente nas questões de Phyllis e, por ellas, vê-se em uma serie de aventuras emmocionantes e interessantes.

O defeito da fita é não ser silenciosa. Isto é. Feita para isso, especialmente, com muito mais acção e muito menos dialogos. Assim mesmo, no emtanto, não está de todo mal e não soffre de excessos de letreiros. Houve sobriedade.

A fita marca a estréa de Ronald em um genero diverso do seu e no qual elle se sáe bem, porque é, innegavelmente, um bom artista. Mas nós o preferimos, ainda, nas suas antigas historias. Claude Allister quasi rouba a fita com um magnifico desempenho. Lilyan Tashman, Montagu Love, Lawrence Grant e Charles Sellon, apparecem. O scenario de Wallace Smith agrada e offerece margem para uma direcção bôa de F. Richard Jones.

Podem assistir sem susto. Mas deixem em casa a vontade de assistir mais um daquelles films de Ronald Colman. Joan Bennett, esqueciamo-nos, é uma heroinazinha regular. Falta-lhe um pouco mais de "it".

Cotação: — 6 pontos.

AMOR BEMVINDO — (Love Comes Along) — Fita da R. K. O. — Producção de 1930 — (Prog. Matarazzo).

Embora dirigido por Rupert Julian e tendo como *estrella* Bebe Daniels, foi uma decepção para quantos a assistiram. Porque, antes de mais nada, tem assumpto fraquissimo e está tratado com demasiado mechanismo. Ella, a *estrellinha*, não nos parece que venha sendo tão feliz assim com seu novo contracto com a R. K. O. Nos seus tempos passados, figurava numas comediazinhas bem razoaveis e interessantes. Agora... nós já vimos *Rio Rita*. Agora, *Amor Bemvindo*... Innegavelmente o seu fiozinho de voz é agradavel e dos melhores entre as outras que nada cantam, positivamente, mas, assim mesmo não consegue dominar platéa alguma. Lloyd Hughes, o galã, personifica um marinheiro valentão e não convence, absolutamente. Montagu Love... Só mesmo com um director excellente e disposto é que elle deixa a sua mania de theatralizar tudo. A platéa cansou-se de rir na scena da vingança, quando elle toma a flauta ao rival e começa a tocar... Nesta scena, no emtanto, ha um detalhe valioso: o quadro que se vê na parede, no momento em que elle estrangula a amante. Ha uma movimentação de "camera" bem dosada e agradavel. Ned Sparks é o comico de poucos "gags" felizes. Esta fita é excellente complemento. Mas como fita de linha é das fracas. Argumento tirado da peça *Conchita*, de Edward Knockblock.

Cotação: — 5 pontos.

VINGANÇA — (Vengeance) — Columbia (Prog. Matarazzo).

A eterna historia: Versão "muda" com muitos letreiros. Uma historia passada numas mattas talvez do Amazonas... com animaes ferozes, indigenas e pouca gente civilizada...

Motivos conhecidos. Dorothy Revier e Jack Holt são os principaes.

Cotação: — 5 pontos. Be Yourself

ASTUCIA FEMININA — (Be Korself) — United Artists — Producção de 1929.

Canções, bailados, historia corriqueira e mais uma artista de fama, dos palcos americanos: Fannie Brice.

Não é melhor e nem peor do que os films-revistas que temos visto e ouvido, ultimamente. Nada tem de original, que o recommende e nada tem de terrivel que o torne inacceitavel. Se viram os outros e ainda não se cansaram, podem ver este, sem susto, que afina pelo mesmo diapasão.

Fannie Brice, como *estrella*, coitada, tem muito bôa vontade e é só. Para que ella vencesse e fosse a *heroina* mais apreciada do Cinema, era preciso que o mundo soffresse muitas transformações... Nem de sua voz pudemos dizer que é excellente...

Robert Armstrong e Harry Green apparecem. O primeiro, como galã e o ultimo, como *engraçado* Robert joga *box*, esqueciamos...

Thornton Freeland dirigiu.

Cotação: — 5 pontos.

PARIZIENSE

MISS SAPÉCA — (Programma Barone).

Any Ondra, bonita, photogenica, possuidora de um sorriso muito gostoso é a pequena que anima esta fitinha bôazinha. E' uma agradavel comedia. Nada que faça pensar. Diverte e faz rir, mesmo, embora seja de procedencia européa...

A historia da venda dos chapéos fóra da moda é muito interessante. Ha detalhes bons. Ivette Darnys, Gaston Jacquet, Carlo Hechi e alguns outros desconhecidos, tomam parte. Bôa photographia. Direcção commum. Assistam. Principalmente se passar como complemento de programma.

Cotação: — 5 pontos.

Foram "reprisados" os films "O beijo" de Greta Garbo e "Os Cossacos" de John Gilbert.

PATHÉ

UM CONTRA TODOS — (Outlawed) — F. B. O. — Producção de 1929.

O segundo film de Tom Mix para a F. B. O., aqui apresentado, melhor, sem duvida, do que o primeiro. Ha cousas communs. Assaltos ao banco, salvamento da heroina e todos os matadores.

Sally Blane, lindissima, é a heroina. Tony tambem apparece e Albert Smith é o villão.

Gene Forde dirigiu commummente.

Cotação: — 4 pontos.

O LAR DE UMA ESTRELLA DO CINEMA ALLEMÃO...

Liane Haid, na intimidade. Ora essa!

Cinema de Amadores

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

O TURISMO E A FILMAGEM NO ESTRANGEIRO

O amador, ao preparar-se para uma viagem de recreio pelo exterior, deveria organizar um plano cinematographico, do mesmo modo como pensaria em organizar um plano das visitas que intentará fazer a cada paiz, e do tempo que pensará em gastar com essas viagens de turismo. Procurando informar-se quanto ás linhas de navegação, dias de partida, accommodações, hoteis, e logares de interesse, elle encontrará logo uma duzia de agencias de turismo, as quaes lhe fornecerão todos os dados necessarios, assim como os menores detalhes para as diversas phases de taes excursões; porém raramente lhes darão conselhos para o que se liga á photographia, e ainda menos á Cinematographia. Essas agencias ainda não estão apparelhadas, para poderem aconselhar o amador no aproveitamento maximo dos seus films, de modo que estes se transformem, não só numa recordação dessas viagens, agradavel para o amador, como tambem em films interessantissimos, de genero educativo, para os seus proprios amigos. Não existe methodo mais falho e falto de interesse, como esse de filmarem-se os aspectos de um paiz, a torto e a direito, sem ligação entre si; muito se tem escripto, no estrangeiro, a respeito da titulagem apropriada dos films — turisticos dos amadores, mas o necessario é uma idéa principal, um pensamento ao redor do qual se desenvolvam todas as outras, ou então os titulos permanecerão sem a minima ligação espontanea, uns com os outros.

Exemplos de films-turismo.

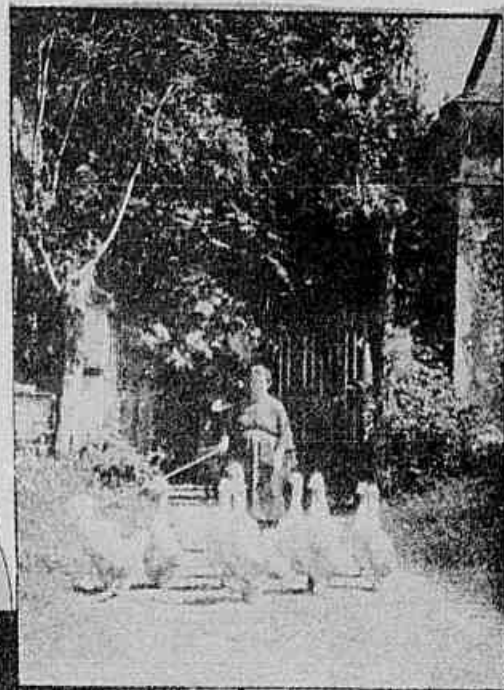
Marrocos, Irlanda e Hollanda.

Ao apanhar assumptos de interesse, o viajante precisa lembrar-se de que o som, a côr (a não ser que, neste caso, se empregue o film colorido) a temperatura, e as dimensões do ambiente visitado não podem ser gravados pela camara, a não ser atravez de symbolos e suggestões, ou por outra, "detalhes".

E' preciso portanto muito cuidado, e exercitar-se na arte desses detalhes, si o amador deseja promover o interesse dos seus amigos, durante a exhibição, feita em casa, do film apanhado em viagem.

Muita gente costuma fazer uma viagem de recreio, ao menos uma vez na vida, porém, muita gente fal-o tambem annualmente, e hoje, que ninguem viaja sem uma camara para amadores, fal-o gastando uma infinidade de metros, aliás sem resultado, devido á ignorancia das leis da Luz, devido á quantidade de "panoramas" executados vertiginosamente, etc. Todos esses erros são bem conhecidos. Porém a causa principal dos metros de film inaproveitaveis é, sem duvida, a falta de um plano preconcebido que forme as bases de toda a filmagem subsequente.

O viajante, em geral, deseja filmar é aquillo que lhe agrada, que o interessa. Templos, cathedraes, monumentos historicos e antigos. Quando arranjado com intelligencia, não ha duvida que o film sahirá perfeito. Por exemplo, uma série de vistas mostrando os principaes templos dos diversos cultos mundiaes, as suas caracteristicas architecturaes, os detalhes artisticos de periodos tão diversos, tudo isso apanhado sob angulos bem estudados e com effeitos de sombra e luz constituiria uma preciosidade para a Cinematheca do amador. E, no emtanto, o campo a explorar é muito mais amplo, e muito mais cheio de opportunidades.

Moralmente, a Humanidade é uma só. Um criminoso perpetraria um crime alhures, dominado pelas mesmas paixões com que o faria algures. Acontece porém que as condições geologicas e climatericas dominam os habitos e os costumes de cada povo. D'ahi, o modo de vestir-se, o habito no alimentar-se, os methodos de transporte, antiquissimos uns, modernissimos outros, e por fim o trabalho caracteristico.

O modo de calçar-se, vestir-se, pentear-se, empregados por um determinado povo, os cerimoniaes religiosos, os festivaes nacionaes e as reuniões populares são assumptos excellentes para qualquer film de contraste.

Uma série de apanhados sobre os costumes dos camponezes, os usos das mulheres, a vida das crianças, a policia, o exercito e a armada de diversas nações, seria de extraordinario valor.

Em 1927, o dr. Carlos Werneck, actual director da Escola Normal desta cidade, e cuja amisade tenho o prazer de cultivar, realizou uma viagem circular pelos portos do Mediterraneo, obtendo então, com o auxilio de uma camara photographica, vistas lindas e suggestivas daquelles logares. Si a camara tivesse sido cinematographica, quanto não teria podido fazer o director da Escola Normal? Justamente naquella época, porém, havia começado a surgir o Cinema de Amadores...

A patria de Gandhi, o homem da revolta civil na India, é um paiz sobre o qual muito se fala hoje. Diz-se que a cidade santa de Benarés, que agora, notavel pela revolta dos Cypaios, no seculo passado, e que Calcuttá são um amontoado do velho e do novo, do passado e do presente, que devem ser convenientemente exploradas pela camara do amador... si acaso este passar algum dia por lá.

Isto que ahi fica apontado, fica-o como um exemplo, não ha duvida. Porém os assumptos desse genero têm grande valor, quando realizados debaixo de um ponto de vista, e não ao azar e sem idéa determinada. O importante é determinar o typo de coisas, as pessoas que se deseja gravar na pellicula, e encadeal-as então convenientemente, para fazer-se o film.

Um apanhado, quasi sempre subito, dos costumes nacionaes de um povo redunda em um detalhe maravilhoso para um film desse genero. Póde no emtanto acontecer que o viajante se torne espectador, absolutamente imprevisto, de um desastre de trem ou de um naufragio maritimo; as scenas apanhadas em taes occasiões dariam motivos para pequeninos films sentimentaes que poderiam ser conservados na Cinematheca pessoal do amador, como uma lembrança. O amador deve filmar todas essas circumstancias fóra do commum, possiveis durante qualquer viagem de longa duração. Porém não deve gastar a metragem, nesses casos, com detalhes sem significação. Quando o interesse do facto lhe pareça de valor, e assim que lhe surja o desejo de graval-o no celluloide, aponte a camara e — tac! — aperte o disparador. Ao visitar-se uma cidade, tem-se ás vezes mais de uma opportunidade para filmar o mesmo assumpto, e uma dellas ha de ser por força a melhor. A liberalidade intelligente dos metros de film gastos nunca póde ser portanto um mal, porque as probabilidades de successo ahi augmentarão, visto não se poder voltar ao mesmo logar, e mesmo que se o faça, os povos terão progredido, as condições de vida terão mudado. D'ahi, ser até recommendavel, nesses casos, o gasto da pellicula. E' tambem recommendavel a partida já com a quantidade de film virgem necessaria para a producção do film, a não ser que a viagem seja planejada atravez de um paiz productor dessa mesma pellicula virgem, e que se leve comsigo pelo menos tres lentes de fócos diversos; a F 3,5 uma telephoto e uma lente mais rapida como a F 1,9 para logares mais sombrios.

Para terminar esse exame das possibilidades entre o Turismo e o Cinema de Amadores, é necessario chamar a attenção do amador para a questão da luz do dia, que varia particularmente devido á latitude do paiz; e sobre o facto dos edificios pintados de branco, ou com fachadas ladrilhadas, segundo o velho estylo portuguez, derivado aliás do arabe, actuarem como rebatedores, re-enviando a luz directamente sobre a camara, o que precisa ser evitado.

Fóra isso, o mais "está certo".

CORRESPONDENCIA

C. V. Coelho (Rio) — Por um mal entendido qualquer, o amigo tomou ao pé da lettra aquillo que havia sido apenas uma phantasia, publicada no "Cinearte" numero 231. Por baixo do titulo "A Biographia de um Club", esta-

(*Termina no fim do numero*)

Cisco Warner Arizona Baxter Kid...

(F I M)

— Dahi para diante, os accidentes foram innumeros, na sua vida. Mandaram Warner para New York, para representar um pequeno papel na produducção Morosco "Lombardi, Dtd." e, depois; voltando para Hollywood, passou a ser poeta e a escrever sonetos a uma certa cavalheira de preto, muito conhecida e dentro de um elenco excellente, que contava, entre seus admiradores, imaginem quem, tambem?... O nosso muito amigo Edmund Lowe, o sargento Quirt de felizes recordações...

— Ainda que não nos esqueçamos de que Warner Baxter ainda tinha, sobre seu annel de casamento, as algemas de Philadelphia, é inutil que queiramos encobrir que elle passou a ser o "pé de alferes" da nossa amiguinha Winifried Bryson, que conhecemos perfeitamente e tão bem quanto o encantador Warner. Juntos foram a New York e, para ella, elle passou a ser o mais romantico e o mais adoravel dos galães... Quando lhe chegou, finalmente, já quasi suffocado de amor, a noticia de que era um homem livre, apanhou elle a Winifried que o sargento Quirt tambem amou e com ella correu para Bronx, aonde cantou a canção do prisioneiro liberto e fez-se o amante legal da mesma esposa que ainda hoje é sua, num eterno e duradouro idyllio.

— Ao que parece, Winifried lhe trouxe felicidade. Conseguio um contracto com a Paramount e appareceu, em seguida, ao lado de Ethel Clayton em "Her Own Money". Lembram-se? Depois disso foram-se endireitando os caminhos da sorte, para elle, até que completasse uma serie de fitas, entre ellas a sublime "The Great Gatsby".

— No emtanto, elle nunca fôra um "tiro". Eram seus contractos renovados, sempre, porque, afinal, era um bom galã. Era dos que satisfaziam mas, como direi... Sim! Não enchiam! Isto mesmo! entre os seus papeis bons, encontra-se o de Alexandre, em *Ramona*, que foi um dos seus maiores louros.

— Foi ahi que os irmãos Wanner desandaram a fazer asneiras que o publico começou a applaudir, tolamente, tambem e todos começaram a falar, inclusive Greta Garbo, a silenciosa. Foi ahi que se deu o ultimo accidente na vida amorosa, digo, artistica de Wanner Baxter. A Fox queria fazer "No Velho Arizona", e o director Raoul Walsh, um pandego, sempre, entendeu que elle proprio poderia ser o "Cisco Kik", imaginem!!! Mas o castigo não tardou. Começaram a fita e, ao cabo das primeiras scenas, deu-se aquillo que, afinal, ainda que tragico, todos desejavam, mesmo. Houve um estouro qualquer, na vizinhança do "unit" e uma das vistas de Raoul Walsh, attingida por um projectil ou um estilhaço, foi espiar o outro mundo, deixando apenas um tapa olho para sempre collocado sobre a mesma e provando a Raoul que contra a força não ha resistencia... Foi ahi que Warner Baxte tever a sua opportunidade. Conseguio o papel que Raoul Walsh começára a representar. Na manhã seguinte á "primeira" passou a figurar nas cabeças das listas de artistas que sua fabrica mandou copiar para destribuir aos seus annuncios e reclames... Dahi para diante, elle nada mais tem feito do que aproveitar a sua habilidade e para continuar a ser o "Cisco Kid". E' logico que elle depende dos argumentos e dos directores. Mas tudo que cheire a "Cisco Kid" ou "Arizona Kid" ou "Oklahoma Kid" ou "Texas Kid", é delle, na certa! E, para isto, basta pronuncia hespanhola la; cabellos frizados, bigodinho cuidado, etc., apenas.

— Personalidade romantica, elle aprecia os papeis immensamente romanticos, é logico. Como a maioria dos artistas de Hollywood, elle não quer ficar apenas num papel. Quer variar. E' logico que ninguem me dirá que o Baxter d e"No Velho Arizona" é o mesmo de "Homens Perigosos" ou Behind that Curtain", não exacto? O que pensam vocês? O rapazinho é versatil!

— Elle confia a maior parte do seu successo á sua "cara metade". Ainda que ridiculo, elle disse isto, sim. Para provar isto, diz-se, mesmo; que para evitar que outra pequena o faça, é ella propria que

encaracola o cabello liso do nosso amigo Baxter, todas as manhãs, emquanto elle pachorrentamente lê os jornaes do dia...

— As mulheres, diz elle, têm sido creaturas predominantes na sua vida. Affirma elle que só se interessou, no emtanto, pelas tres que citamos. Sua mãe, a pequena de Philadelphia, que, afinal; nada mais foi do que uma bobinha e Winifried. E, ainda que todos digam que elle é terrivelmente myope, já escolheu elle Alice Joyce, Norma Talmadge e Ruth Elder como sendo os seus mais perfeitos typos de belleza e de ideal...

— Aprecia immensamente a representação, ainda que não seja desses que se perdem dentro de um papel muito grande, custando a encontrar a sahida... A sua theoria de representação é esta: para sentir as emoções, realmente, é necessario militar contra as suas fórmas. Entenderam? Isto é. O que elle quiz dizer, provavelmente, mas teve a lingua presa, foi que não é preciso ser "arara" para representar um papel de lunatico e, tampouco, que não é preciso ficar bebado para representar um papel de bebado. Cousas essas que, sem duvida, constituem uma descoberta profundo e de grande alcance philosophico...

Interessante e profundo conhecedor dos seus papeis, elle surprehende seus amigos, quasi sempre, com o seu sotaque hespanhol, de "No Velho Arizona" e consequentes ameaças, provando, com isto; que sentiu o seu papel eminentemente. No emtanto alguem já vociferou que elle quer provar com isto que jamais foi empregado um "double" para a sua voz...

— O golpe de sorte que o poz no alto de uma lista de artistas, quasi o primeiro, mesmo, não o affectou em nada. Continúa o mesmo, sempre. Elle e Winifried, vivem confortavelmente. Ha annos que fazem a mesma cousa. Tem tido elle opportunidade de dar conforto a sua mãe e á uma sua sobrinha pequena. Ainda escolhe os chapéos para sua esposa e a encoraja para trabalhar em uma ou outra fita o que ella naturalmente não faz, porque da o desconto devido ao genio espontaneamente galanteador do esposo e á quantidade de espelhos espalhados pela casa. O seu circulo de amizades é restricto. Tenho quasi a certeza de que não estou no lado de dentro.

— Elle gosta de jogar tennis e, occasionalmente, de uma bôa caçada. Tem, mesmo, um pequeno sitio em San Jacinto, aonde vae fazel-as, tendo, para tanto, uma collecção de rapozas ensinadas para "bancarem" a caça...

— E' muito cuidadoso com suas roupas e com suas cousas em geral. E, além disso, é methodico no seu menor gesto. O seu lemma é *um logar para tudo e tudo no seu logar*. Prefere fazer as cousas por suas proprias mãos e não aprecia criadagem para o servir. Tirando o seu "chauffeur", poucos criados mantem em serviço. Seu sorriso, fóra da téla é menos reluzente do que o é na téla. Bem por isso, temendo que a inveja tome de assalto o seu precioso thezouro (o sorriso!), costuma elle guardal-o na gaveta do criado mudo á noite, depois de o escovar para dormir...

— Desde que sua popularidade augmentou, augmentou tambem o seu ordenado, a sua correspondencia e o numero de suas telephonadas. Mas elle diz que "não liga" a nada disso. Quando criança, dizia elle sempre que queria ser *chauffeur de praça* e até hoje ainda tem a mania de guiar o automovel, dando amplo descanço ao legitimo "chauffeur".

— Elle diz sempre que os pensamentos direitos trazem a felicidade. E elle diz, tambem, que sempre pensou na sua carreira e no successo da mesma. Jamais foi de philosophia derrotista. Diz elle que quando abre suas janellas, pela manhã (isto é: as janellas da sua casa, é logico!) tem a impressão de que está irradiando successo para os quatro ventos. Mas a victrola, lá em baixo, por mãos sabias, rompe o *fox trot*: — *Maybo, who knows*...

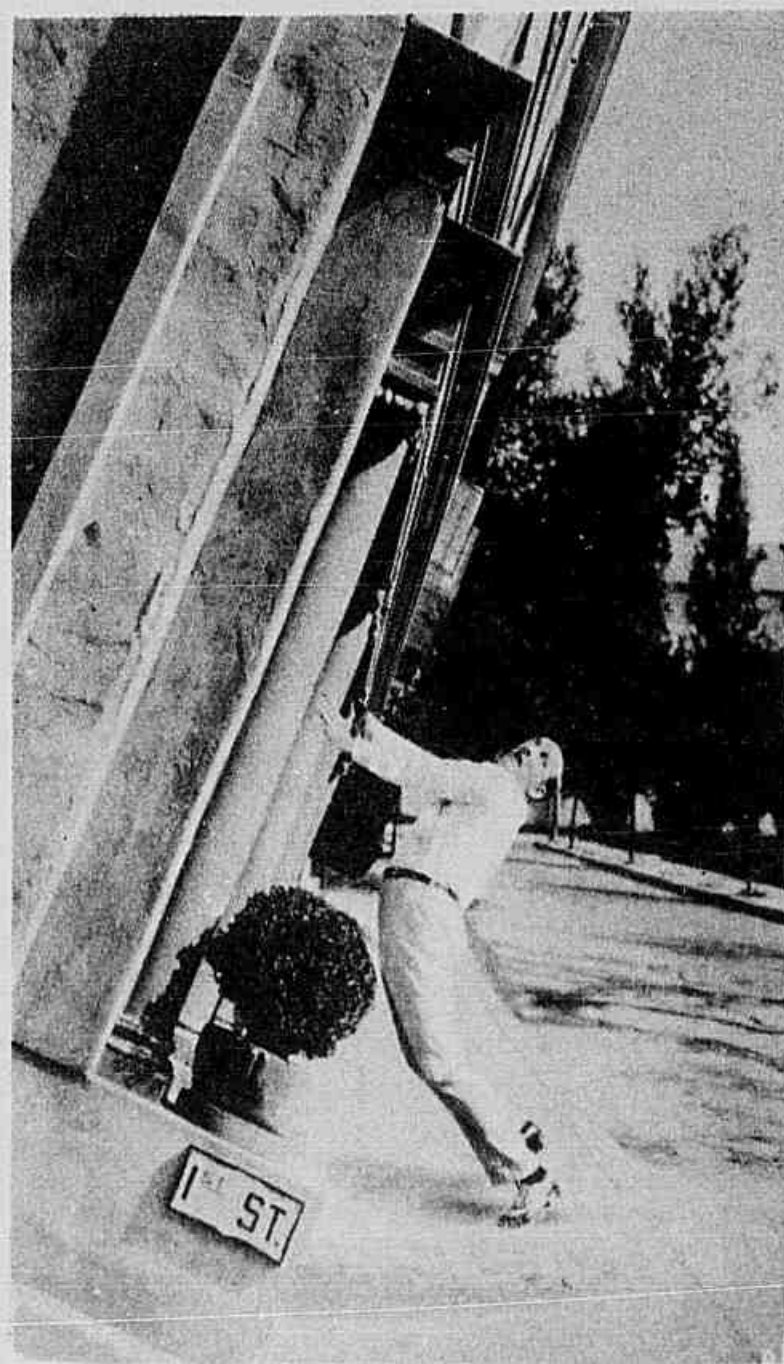
— Warner diz e crê que ondas sonoras e ondas de pensamento têm a mesma evolução no ether (antes de ser *Kid* elle pensava que fosse essencia para tirar manchas das roupas que elle cuida com tanto carinho) attingindo simultaneamente antennas e cerebros. Já tentou, mesmo, em certa occasião, gastar seus miolinhos em telepathia com amigos intimos. Deixou disso depois que notou que muitos já lhe estavam adivinhando os pensamentos... Elle é o typo do homem que crê em irradiações mentaes, mesmo... O primeiro no qual elle tentou a telepathia, foi Winnie Sheehan e o resultado foi "Cisco Kid", heróe-villão. E' isto que elle affirma, ao menos. Mas que elle repita a dóse e peça um augmento de ordenado para ver aonde é que vae parar a sua telepathia toda...

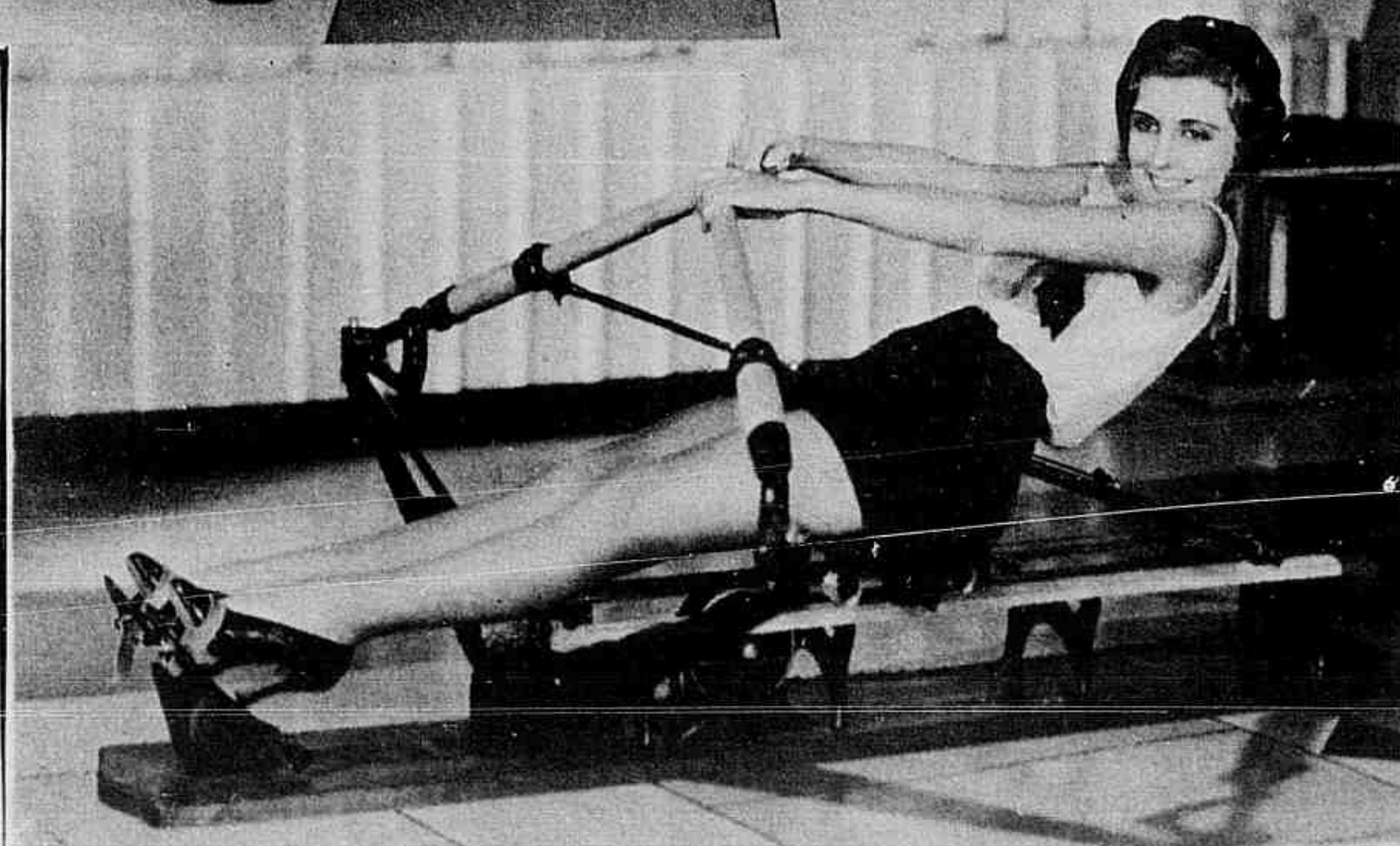
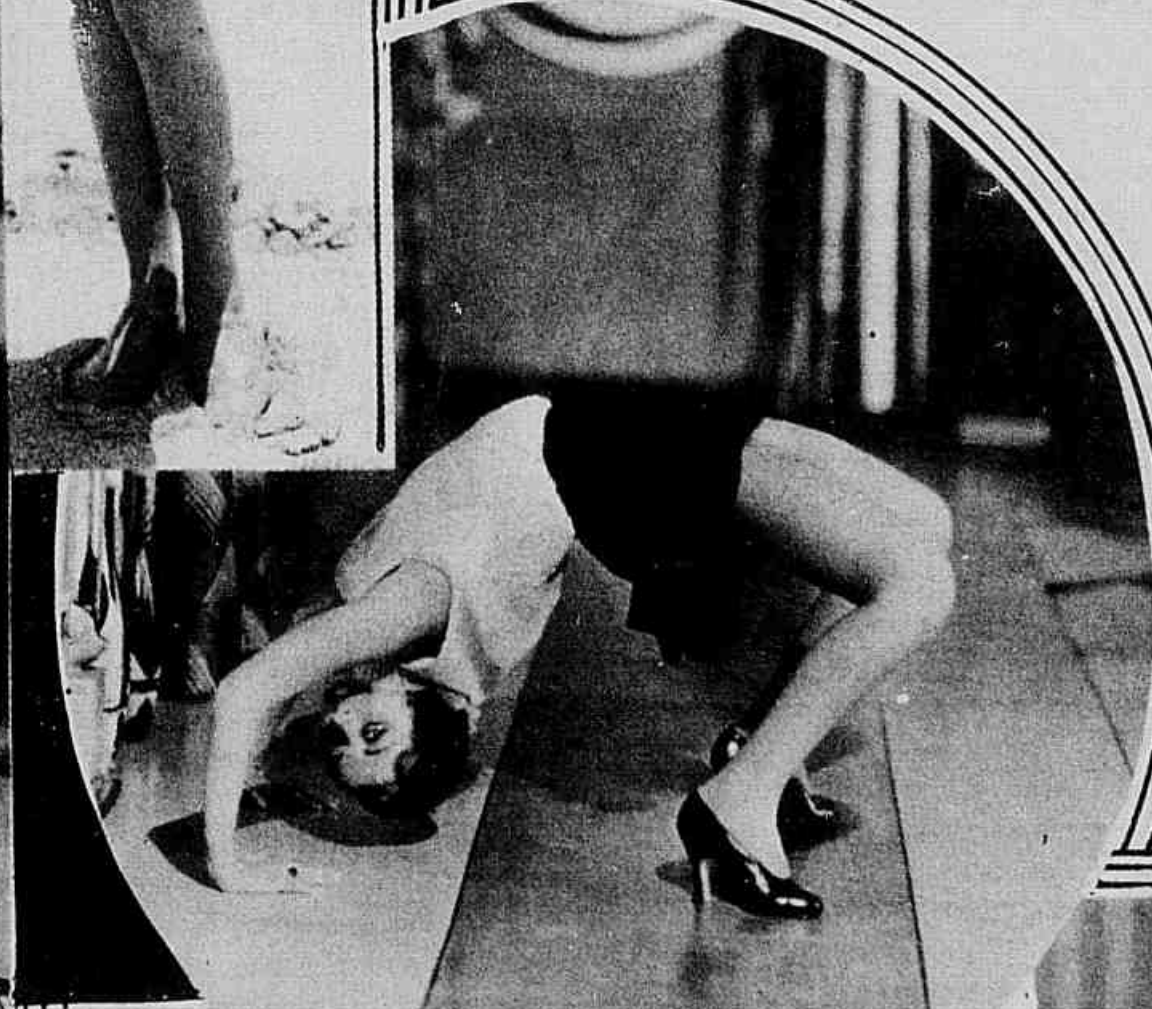
— Assim, apesar de tudo, não posso dizer, mesmo, que elle venceu, no Cinema falado, por esforço. Foi sorte. Foi accidente, disse bem. E para provar isso, torno a dizer o que disse ha tempos, impresso, no commentario que fiz de "The Great Gatsby". Está contente, Warner amigo?...

O Amigo de Napoleão

(F I M)

Mas, ao mesmo tempo, passada a surpresa geral do julgamento, promovem ali mesmo um rateio para comprarem a estatua para o pobre velho e tendo a importancia, entregando-a a Pratouchy, libertam Chibou, em seguida, da primeira sentença e dão-no como absolvido.

Approvando, finalmente, por causa daquelle julgamento sympathico, o juiz Berthelot a união de sua filha ao joven advogado Georges Dufeyel, casam-se elles e, para tomar conta do seu lar, levam comsigo *Papá* Chibou e o seu inseparavel Napoleão...

ASSIM SE PREPARAM
AS BELLEZAS
DE HOLLYWOOD...

O SEU
SPORT
FAVORITO...

MARY DORAN

UMA NOVA GRETA GARBO?...

(F I M)

de valôr literario ou historico ou scientifico. Tudo a interessava e tudo fazia para esquecer o aborrecimento profundo que tivéra com sua carreira.

— Eu me achava em Weimar, cidade de Goethe, o maior dos poetas allemães, quando me foi dado ler um dos seus poemas, **Amor e Morte.** Dizendo-o, em voz alta, apaixonei-me, insensivelmente, pela arte de dizer e achei que aquellas mesmas palavras, que pareciam musica, bem pronunciadas, seriam um successo ditas de um palco, para um grande publico. Foi assim que em mim vicejou a idéa de ser artista de theatro, substituindo essa carreira, na minha vida, pela de violinista que eu tanto queria seguir.

Marlene ainda não tinha ido a um só theatro. Não se interessando pela arte da representação, ella apenas frequentava concertos e operas e, assim, nada conhecia de theatro.

— Quando voltei para Berlim, ingressei para a escola theatral dramatica de Max Reinhardt. Levei Amor e Morte commigo e lhe pedi permissão para o dizer na sua presença. Ouviu-me e, terminada a recitação, felicitou-me e animou-me immensamente a proseguir nos meus intuitos.

Foi assim que Marlene passou a ser a primeira Dietrich a ingressar para o theatro. Mas teve que pisar, antes, todo o orgulho e toda a opposição de sua familia. Achavam, todos, que seria o maior dos escandalos apparecer o nome da mesma na porta de um theatro e, assim, prohibiram a Marlene usal-o. E, a esta prohibição, seguiu-se outra, prohibindo-a, mesmo, de para tal arte ingressar. Mas tudo isto terminou com Marlene tornando-se uma artista e applicando o Dietrich, seu nome, mesmo, p a r a desgosto profundo e grande aborrecimento de toda a familia.

Seguiram-se dois annos das communs luctas que sustentam as creaturas que ingressam para uma arte nem sempre grata. O unico commentario que Marlene nos fez sobre estes dias escuros do seu passado, no emtanto, como que querendo afastal-os para bem longe de si, foi um **"não foram faceis"** singelo e simples...

Depois da sua aprendizagem em pequenos papeis, conseguiu ella, finalmente, um logar de destaque na peça **Broadway,** que se produzia na Allemanha. Desta peça passou ella para a comedia musicada e Berlim, toda, cudvou-se diante da nova cantora que éra um prodigio de graça e uma fascinação sem limites.

Durante os seguintes tres annos, o nome de Marlene Dietrich appareceu, seguidamente, na porta dos theatros e nos cartazes dos Cinemas. Foi ahi que os seus parentes começaram a se sentir um pouco mais orgulhosos della... Duas fitas de Marlene já foram exhibidas nos Estados Unidos: **Beijo-lhe as mãos, Madame** e **Tres Amantes.**

— Não conseguia, não sei porque, successo nas fitas. Quando as fitas ainda eram silenciosas, pouquissimas foram as reaes opportunidades que tive. Diziam, alem disso, que meu nariz éra engraçado e que minha bocca éra enorme. E os directores, alem disso, teimavam commigo p a r a que abrisse completamente os meus olhos, cousa que não posso fazer. Quando chegaram os **talkies,** no emtanto, consegui melhor collocação, porque sabia cantar e dançar e, assim, esperava a minha vez.

Durante a sua recente visita a Berlim, Josef Von Sternberg a viu nos palcos de lá e sem mais preambulos ou **tests,** contractou-a para ser a companheira de Emil Jannings em **O Anjo Azul,** uma fita que Sternberg, durante suas férias c o m a Paramount, filmou para a Ufa. Assim que a fita foi lançada e se constatou o successo formidavel della, Josef Von Sternberg, com autoridade e argucia, contractou-a por longos annos para a Paramount. Assim, ha tres mezes que ella aqui se acha e o que pensará ella de Hollywood?

— Lindissima! Ainda não me senti completamente feliz, aqui, porque ainda não estou trabalhando e, alem disso, tenho pensado muito no meu marido, na minha filha e na minha familia distantes de mim. Sinto-me muito só e acredito, em certos momentos, que não resista por muito tempo a tanta solidão.

Alvitramos que ella se poderia dar com os seus innumeros compatriotas aqui residentes.

— Sim, bem sei, mas não é porque aqui existem allemães que eu forçosamente me hei de dar com elles! Meu director Von Sternberg, tem sido gentilissimo. Mas, confesso, tenho sentido tremendas saudades de minha terra e do meu lar. Tenho ido á algumas festas. Mas aqui em Hollywood, durante as festas, elles tomam **cocktail,** apenas e não riem e nem contam casos engraçados e eu sou tão maluca pela alegria, pelo contentamento...

Ella tem a sua casa em Beverly Hills e é a mesma governada p e l a sua empregada vinda da Allemanha com ella. Ella prefere uma casa a um appartamento. Mas já se tem sentido indisposta, com os commentarios tão corriqueiros e mexeriqueiros dos nossos jornaes...

— Escrevo diariamente aos meus parentes e a cousa que faço com mais ancia é esperar o carteiro, quando sei que chegou correspondencia allemã. Sei, por exemplo, que minha pequena, passando o verão acha-se na praia que costumavamos frequentar. Escrevi ainda hontem a mamãe e á governanta que não a deixem muito ao sol para que não tenha alguma insolação.

O marido de Marlene é director de fitas allemãs e, por causa do seu serviço, não a pode acompanhar.

— Não quiz trazer minha pequena, tambem, porque temi que ella não se accostumasse rapidamente com o clima differente e com os costumes differentes. Mas é a ausencia que mais sinto e mais me entristece.

Duas lagrimas muito grandes e muito bonitas não chegaram a cahir. Recolheram-se á sua alma, de novo, como se fossem a propria imagem da recordação da sua filhinha que ella persistia em guardar dentro de seu coração.

— Jamais me separei della. Foi a primeira e a ultima vez, garanto-lhe. Fallei-lhe pelo telephone, ha dias e ella se mostrou alegrissima quando ouvio minha voz.

O seu primeiro contracto com a Paramount, com opção, marcava o prazo de seis mezes, porque Marlene, afinal, queria experimentar a aventura, antes de a acceitar, de vez. **Morocco,** sua primeira fita, está prompta e quem a viu, já, garante que todos que a virem, tambem, rogarão para que chegue Março do anno proximo, quando ella voltará aos Estados Unidos, com toda sua familia, afinal, para proseguir o seu contracto reformado e augmentado para mais cinco annos.

Janet Gaynor entrevista Janet Gaynor

(F I M)

— Sim. E eu, desde criança, sentia essa tendencia decisiva dentro de mim. Ainda que trabalhando em lojas e em escriptorios, depois, quando nos mudamos para S. Francisco, sempre persistimos, elle e eu, na idéa de que ainda me tornaria uma artista dramatica. Mas... isto tem drama?

— Não?... Óra, Janet, vamos! Entre em Hollywood, finalmente...

— Sim, ha seis annos passados.

— Para um curso de stenographia, não foi?

— E' verdade. Durante alguns pares de semanas. Mas a machina de escrever sempre me enervava, lembro-me.

— E, depois, os **guichets** de elencos, não é? Foi Helen que os descobriu primeiro, não foi?

— Sim

— E depois de caminhar de Studio para Studio, com o eterno **nada hoje!,** pés cançados, alma cançada, coração exhausto... Desanimada...

— Mrs. Peck, chega! Voce já me quer mostrar tragedia aonde houve apenas uma nesguinha de drama, confesso para seu regosijo... Luctas, com certeza. Mas... qual é esse que não lucta pela vida e que não se atira de peito para a frente, disposto, quando precisa vencer para poder viver? Quero trabalhar mais, confesso e quero fazer fitas de verdade e não revistas. Quero, até ao fundo do meu coração. Fitas dramaticas, antes de mais nada.

— E você não acha, Janet, que houve drama, na sua vida, tambem, quando saltou do anonymato para **Diane, do Setimo Céo?...** Da obscuridade para a fama mundial?

—Nem tanto, Mrs. Peck. Drama, para mim, na minha vida, é um sandwiche hamburguez com mostarda da India e a obrigapção de comer... Cebollas tambem são dramas... não acha?

Vimos que Janet continuava a mesma, artista dramatica de dias passados e eterna brincalhona nos momentos de folga. Deixamol-a para tratarmos do almoço de Mr. Lydell Peck que estava para chegar...

O mais tragico momento de minha vida

(F I M)

sobre sua procedencia e sobre seu caracter. A permissão que tinha, no emtanto, éra para lhe fallar atravez uma grade grossissima e nada mais poderia se dar do que isto. Éra, portanto, esta minha ida á **Santé,** o **climax,** ou seja, a situação mais dramatica e mais importante desta minha aventura em pról do salvamento desse meu amigo de infancia. Éra, apesar de tudo, a primeira mulher no mundo que conseguia entrar naquella prisão. As horas, os minutos, os segundos, até o instante de ir, contei-os eu freneticamente, quazi num constante desmaio. Meus nervos estavam completamente derrotados. Eu já chorava por qualquer motivo e á menor e mais simples provocação.

E' incrivel o que lhes vou contar. No emtanto, creiam-me, a prisão que percorri, apavorada, é a cousa mais sordida e mais immunda que já vi em minha vida. E' cousa incrivel, é a mesma prisão, com as mesmas paredes e os mesmos costumes, que o Seculo XVI viu e usou... Incrivel! Nem uma reforma, nem a mais simples hygiene, o menor cuidado com aquelles miseros, desgraçados e pobres infelizes! E' inutil, mesmo, que descreva essa situação toda. Basta que lhes diga que em materia de sordidez, nada vi de mais repugnante. Mau cheiro, gritos de desespero, gritos de revolta, palavrões pesados, offensas brutas, gargalhadas terriveis e uma total desanimação no aspecto pavoroso daquelle recinto todo.

Minutos depois, estava na presença do rapaz. Elle estava abatido, derrotado, parecia um ser tremendamente desgraçado, tremendamnte infeliz. Chorei. Aos soluços, violentamente, sem siquer poder articular as primeiras palavras de consolação que lhe queria dizer... O seu companheiro de cella, éra um bruto demente, ha 14 annos ali residindo, espumando pelos cantos da bocca e numa attitude apavorante...

Ahi, chegou o momento mais emocionante de toda aquella minha aventura terrivel. Aquelles homens, muitos dlles ha mais de 20 annos ali residentes e sem esperanças de sahirem, tão cedo, quando se aperceberam que éra uma mulher que os visitava, pela primeira vez, sentindo que éra uma mulher que ali estava, não mais se contiveram. Numa gritaria infernal, em unisono, puzeram-se a demonstrar as suas paixões desvairadas e todas as torturas de suas almas ha tantos annos divorciadas do mundo e dos carinhos de uma mulher. Foi o instante mais terrivel. Eu me sentia sob o fóco de mil olhares. Aquillo dava-me uma impressão terrivel e eu apenas balbuciava aquillo que desejava gritar para que o rapaz ouvisse e comprehendesse...

Foi esta a aventura mais dramatica da minha vida. O rapaz, depois de uma semana, seguindo normalmente o processo, foi absolvido e posto em liberdade. A sua familia jamais soube disto e eu não contei á ninguem, mesmo. Todos os annos, no emtanto, elle me manda um presente, pelo Natal, relembrando o que por elle fiz em Paris, quando foi elle preso e encarcerado no inferno que é a **Santé...**

Braçoprotector

(F I M)

mos, consegue libertar Scotty Wilson. Emquanto isto, La Forte, de novo na presença de Madge, conta-lhe que tudo p a r a ella estava perdido, porquanto Nick, tentando salvar Scotty, havia sido fuzilado pelos terriveis **Lobos.** Desesperada e sem saber o que fazer, Madge acceita o casamento que La Forte lhe offerece, não impedindo que o mesmo se realizasse dentro de uma hora, conforme La Forte queria.

Emquanto tudo se preparava para este casamento, Jerry, conseguindo fugir dos olhos de La Forte, foge em direcção a Nick e, encontrando-o, já em marcha para a colonia, conta-lhe o que se passava e como já andavam adiantados os planos para o casamento immediato de Madge com La Forte.

Precipitando-se na frente de todos, cheio de odio, Nick é o primeiro que entra na colonia e, num impulso, precipita-se sobre La Forte. Dois possantes murros e uma lucta rapida e violenta, anniquilam La Forte que se vê algemado, em segundos. Depois, contando a todos o que se passava e quem éra aquelle homem e qual o seu grupo, Nick deixa que os mesmos, som a chefia de Scotty resolvam sua sorte e sem que ninguem o apoquente mais procura o mais solitario dos cantinhos para dizer a Madge, num segundo, todas as phrases de amor que aprendêra, até aquelle dia, dentro do beijo mais amoroso e mais afogueado que já déra em toda sua vida.

Cinema de Amadores

(F I M)

va bem clara, e entre parentheses, a palavra fantasia, e parece que foi nella que o amigo não reparou. Eu faço films, sim, mas "Revezes da Vida" nunca existiu. Comprehende agora o que se deu? Agora, duas coisas. Primeiro, não diga "como extras uns, e como figurantes outros", porque extras ou figurantes significam a mesma coisa. Segundo, "speaker" é termo de Studio de radio, e não de Studio de Cinema.

E dê-me noticias melhores, photographias boas, que eu as publicarei.

S. JUNIOR (Campo Grande) — Não consegui decifrar a sua assignatura. Agradeço-lhe, no emtanto, as noticias enviadas, as quaes já eram, porém, do meu dominio. E queira reparar na resposta a P. V. Coelho, seu amigo.

Emil Jannings será dirigido por Alfred E. Green, na sua primeira fita para a Warner Bros, **The Idol.**

The Third Alarm, da Tiffany, não mais será dirigida por Emory Johnson e sim por William Beaudine.

The Sheik, para a United Artists, terá a interpretação de Chester Morris e será a versão falada do antigo successo de Valentino.

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Rey Radabough, um joven de Long Beach, apresentou-se, ha dias, para um dos **tests** da Columbia para o papel de David, da fita **David, o Caçula.** Eram, já, 172 **tests** que se examinavam e, finalmente, foi elle chamado e contractado para o preferido papel. Deram-lhe o papel de **David** e, assim, com o nome de Richard Cromwell, apparecerá elle nesta versão falada do antigo successo silencioso de Richard Barthelmess, de ha annos.

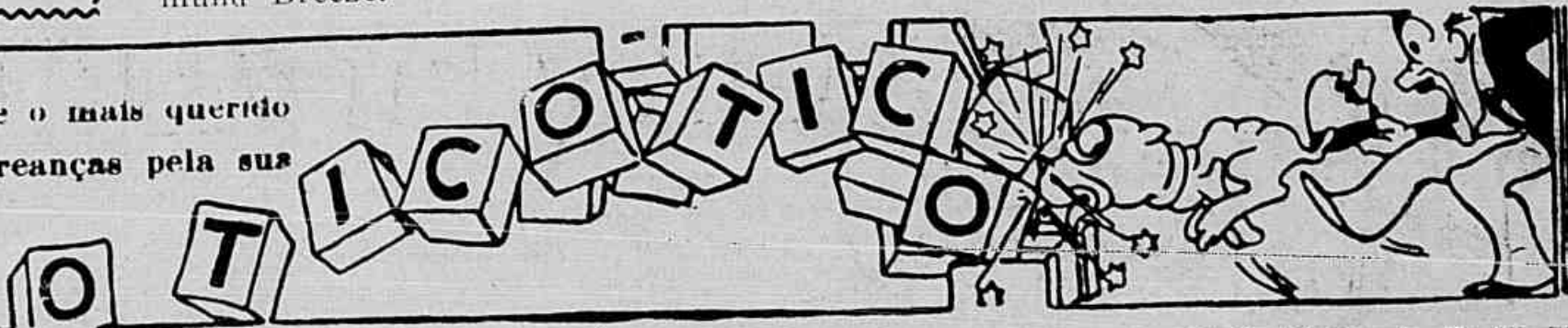
A historia de **New Moon** foi re-escripta, apenas para se incluir um papel de villão para Adolphe Menjou.

* * *

O elenco de **Tolable David,** da Columbia, dirigido por J. G. Blystone, está assim constituido: Richard Cromwell, Joan Peers, George Duryea, Noah Beery, Henry B. Walthall, Helen Ware e Edmund Breeze.

The Princess and the Plumber, uma fita da Fox, será dirigida por Alexandre Korda e terá Charles Farrell e Maureen O'Sullivan nos principaes papeis.

* * *

E' muito provavel que Howard Hughes, presidente e proprietario da Caddo, torne-se productor associado de Joseph Schenck, na United Artists, com direitos iguaes, mesmo.

William Bakwell assignou um contracto de cinco annos com a M. G. M.

* * *

Mauricie Chevalier, quando esteve recentemente em Paris, representou por duas semanas no Chatelet e recebeu, pelas mesmas, 440 mil dollars, estabelecendo, assim, o **record** parisiense que jamais pagára 20 mil dollars semanaes á qualquer artista de palco que fosse.

* * *

Indians are Coming, fita em series da Universal, dirigida por Henry Mac Rae e interpretada por Tim Mac Cey e Allene Ray, foi escolhida para ser a primeira fita em serie a ser exhibida no Roxy de New York. Está programmada aos sabbados, na sessão da manhã.

* * *

Constante Talmadge retirou-se definitivamente do Cinema.

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma **estrella** de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podem ter uma cutis digna da inveja de uma **estrella** do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que esses.

The Utah Kid, da Tiffany, que Richard Torpe está dirigindo, tem Rex Lease no principal papel e Dorothy Sebastian como heroina.

Walter Miller tambem tem um dos principaes papeis.

* * *

..**Half Gods**, da Universal, será a segunda fita que Hobart Henley vae dirigir para a mesma.

Offs Gphª d' O' MALHO.